

vida pastoral

novembro-dezembro de 2020 – ano 61 – número 336

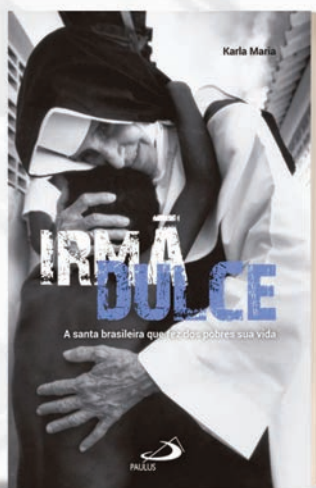
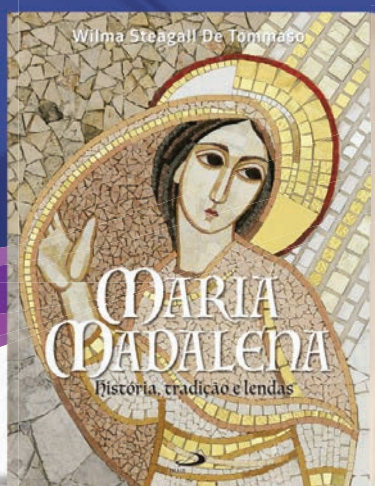
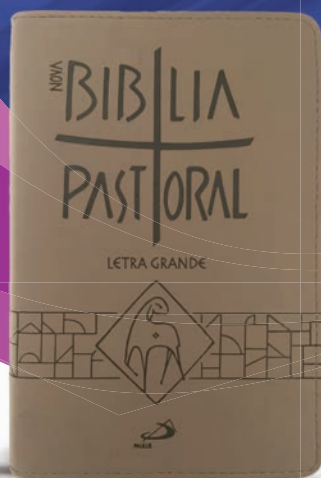


PERSPECTIVAS PASTORAIS
EM TEMPO DE PANDEMIA



LIVROS:

*presentes que ficam para sempre e
que podem ser abertos infinitas vezes!*



Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

**vida
pastoral**

Estamos às portas de concluir 2020. Ano marcado por tensões, incertezas e sofrimento. A pandemia do novo coronavírus lançou sobre nós uma nuvem de incertezas. A rotina, já tão precária, transformou-se num quadro de angústia e desespero. A mudança não foi somente na rotina. Na verdade, a Covid-19 revirou e mudou nossa vida.

Ainda é cedo para interpretar tantos fenômenos. O medo do vírus nos ronda e até nos bloqueia. Embora haja uma avalanche de previsões e opiniões de todos os matizes, talvez precisaremos de certo distanciamento para ler as transformações pela quais o mundo vem passando. No entanto, a leitura dos “sinais dos tempos”, tão querida pelo Concílio Vaticano II, pede-nos atenção. Essa leitura é urgente, sobretudo porque, no tempo presente, os que mais padecem as consequências da pandemia são os pobres, os invisíveis.

Um dos temas mais presentes nestes tempos incertos tem sido a questão da morte. Todo dia somos lembrados pelo noticiário sobre o número de óbitos das vítimas da Covid-19. Somos finitos. Porém, o vírus, ainda indomável, inimigo invisível, parece aguçar a lembrança de nossa finitude. Quanta gente fez sua páscoa neste período perturbador da história da humanidade! Até o momento, o Brasil tem figurado como o segundo país do mundo com maior número de mortos na pandemia. *Vida Pastoral* se solidariza com cada família e expressa profundo pesar diante de tanta dor.

É possível que o índice de mortos fosse menos drástico se o país tivesse se preparado, com o tempo que teve, para aprender com os outros países por onde o vírus circulou primeiro. Quando o noticiário internacional anunciou a existência do novo coronavírus em Wuhan, na China, parecia ser algo muito distante. Por aqui fomos seguindo como se nada

tivesse que ver conosco. As primeiras análises, até de especialistas, e os burburinhos nas conversas comuns quase sempre versavam sobre um vírus pouco perigoso. Assistíamos à China construindo hospitais às pressas, a Europa confinada e o alto número de mortos contabilizados diariamente. Embora nos assombrássemos com os noticiários e o vírus já circulasse entre nós, ainda tínhamos o agravante: um “governo insensível”, sem projeto nacional de combate à pandemia. Faltou projeto, mas abundaram declarações e práticas negacionistas.

Temos grandes desafios pela frente. Há uma travessia que devemos enfrentar. O termo “travessia”, por sua poesia, é o que mais se adequaria aqui, justamente por conter em si a marca da esperança. Apesar dos sinais de morte que se abatem sobre a realidade, nossa perspectiva é a esperança. Aquela esperança que é o combustível atuante entre o *já* realizado e o *ainda não* que se vislumbra no horizonte. A esperança é como que o brilho dos olhos de uma mãe, porque, naquele olhar, ainda que haja dor, o amor é luz diante das situações mais desafiadoras.

Nossa gratidão aos articulistas que compõem esta edição de nossa revista. O intuito é lançar luz sobre a realidade, desafiando-nos a dar razões de nossa esperança (1Pd 3,15). Afinal, nossa condição humana, embora finita, transcende a mera existência do tempo e do espaço. Nosso horizonte é o eterno. Exatamente por isso, nossa sensibilidade pastoral não pode se furtar aos desafios de acender a esperança, especialmente dos mais fragilizados no atual cenário dramático da existência humana, da criação, da “casa comum”. Estamos todos interligados.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 61 - Nº 336
Novembro-Dezembro de 2020

Editora

PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Jornalista responsável

Valdir José de Castro, ssp

Editor

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Conselho editorial

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Darci Luiz Marin, ssp

Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Sílvio Ribas, ssp

Ilustrações

Patrícia Campinas (artigos)

e Luís Henrique Alves Pinto

(Roteiros Homiléticos)

Imagem da capa

Patrícia Campinas

Diagramação e projeto gráfico

Elisa Zuigeber

Revisão

Alexandre Santana

Tiago José Risi Leme

Assinaturas

assinaturas@paulus.com.br

(11) 3789-4000

WhatsApp: 99974-1840

Rua Francisco Cruz, 229

Depto. Financeiro • CEP 04117-091

São Paulo/SP



Redação

© PAULUS – São Paulo (Brasil)

ISSN 0507-7184

vidapastoral@paulus.com.br

paulus.com.br / paulinos.org.br

vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

Sumário

ESPERAR O MUNDO QUE VIRÁ: PERSPECTIVAS
ESCATOLÓGICAS A PARTIR DA COVID-19 4

Leomar Antônio Brustolin

A IGREJA NO PÓS-COVID-19: DESAFIOS PASTORAIS ... 12

Maria Cecília Domezi

PEQUENAS COMUNIDADES MISSIONÁRIAS:
UMA SAÍDA PASTORAL PARA A IGREJA
PÓS-PANDEMIA? 21

Normando Martins Leite Filho

PADRE, A GENTE SABE REZAR! 26

Carlos Henrique Alves de Resende

ROTEIROS HOMILÉTICOS 36

Francisco Cornélio Freire Rodrigues
e Aíla L. Pinheiro de Andrade

Assinaturas

A revista **Vida Pastoral** é distribuída gratuitamente pela Paulus.

A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais
e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam
receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados
para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ)
e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já
são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados
também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

WhatsApp: (11) 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados
e cópia de comprovante de depósito da contribuição
para despesas postais para:
Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição
para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555

Bradesco: agência 0108-2, conta 324139-4

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 - Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metró Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

ESPERAR O MUNDO QUE VIRÁ:

perspectivas escatológicas a partir da COVID-19

*Dom Leomar Antônio Brustolin é bispo auxiliar de Porto Alegre, doutor em Teologia, professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), membro da Comissão de Doutrina da Fé da CNBB.
E-mail: leomar.brustolin@pucrs.br



A pandemia da Covid-19 provocou incertezas e preocupações que incidem também sobre o ato de crer e esperar. O mundo parou, e a consciência da finitude se impôs sobre a humanidade. Morte, luto, esperança e vida eterna são temáticas que pautam a experiência humana e desafiam os cristãos a responder ao coração inquieto. Seguindo o Concílio Vaticano II, é preciso interpretar o “sinal dos tempos” que emergiu em 2020. Cabe aos discípulos de Jesus Cristo dar razões de sua esperança (1Pd 3,15) em meio à perplexidade do momento histórico. O tempo presente é vivido como ocasião favorável de testemunhar, com empatia e solidariedade, a fé na realização das promessas de Cristo.

INTRODUÇÃO

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), do Concílio Vaticano II, afirmou que “é dever da Igreja investigar a todo momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado, em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas” (GS 4).

A emergência da Covid-19 impactou a forma de ler a realidade, de viver o cotidiano e de esperar o amanhã. Esse “sinal do nosso tempo” precisa ser interpretado à luz do Evangelho, especialmente no que se refere à fé e à esperança cristãs. Isso implica compromisso do cristão com o presente histórico e atenção ao futuro prometido em Cristo, como recorda a Carta Encíclica *Spe Salvi*

(SS): “A fé em Cristo nunca se limitou a olhar só para trás nem só para o alto, mas olhou sempre também para a frente, para a hora da justiça que o Senhor repetidas vezes preanunciara” (SS 41).

Nesse sentido, uma abordagem sobre as possibilidades do futuro pós-pandemia deverá tanto contemplar o horizonte do Eterno, em que a vida não conhece fim, quanto convocar à responsabilidade sobre o momento atual, revisando a relação que se estabelece com a criação. Tudo está interligado, pois a fé cristã supõe uma integralidade até o fim da história, quando, em Cristo, *tudo* será recapitulado, o que existe no céu e na terra (Ef 1,10).

O cristão celebra o que crê e crê celebrando o cumprimento das promessas de Cristo. O Advento é, por excelência, o tempo litúrgico que mais evidencia a dimensão escatológica da Igreja. Enquanto se prepara a celebração da vinda de Cristo na carne, no Natal, igualmente se espera sua futura vinda gloriosa na parusia:

Naquele tremendo e glorioso dia, *passará o mundo presente e surgirá novo céu e nova terra*. Agora e em todos os tempos, Ele vem ao nosso encontro, presente em cada pessoa humana, para que o *acolhamos na fé e o testemunhemos na caridade*, enquanto esperamos a feliz realização de seu Reino (Prefácio do Advento IA, grifo nosso).

1. PASSA O MUNDO PRESENTE

Nas últimas décadas, diversos fatores influenciaram para que grande parte da humanidade desconsiderasse a finitude, o sentido da vida e a transcendência. Alcan-

çou-se tão alto grau de bem-estar, que parecia desnecessário considerar um horizonte além desta vida que adoece, envelhece e morre. A busca da imortalidade pelas novas tecnologias e a noção de que só o presente deve ser considerado exorcizaram qualquer ideia de que este mundo é finito e a pessoa também o é.

O individualismo, as metas do mercado, o excesso de conectividade e a busca de um desempenho competitivo distraíram o ser humano da essência da vida. Sons, imagens e os mais variados recursos de entretenimento produziram tanta exterioridade, que a vida deixou de ser “espreitada”.

Na correria do cotidiano, a mente ficou embotada, e a consciência, afetada. Muita gente questionava até a necessidade de um Salvador, como apregoa a fé cristã. O mundo, que não se percebia ameaçado nem mesmo diante da crise ecológica, tornou-se surdo aos discursos que reclamavam por maior cuidado e atenção com a vida em todas as suas manifestações.

De repente, um dado novo desconcertou tudo, e o mundo parou. Inesperadamente e, sem preparo, o humano passou a perceber a dimensão de sua vulnerabilidade e finitude. Albert Camus, em seu romance *A peste*, destaca que “os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo tantas pestes quanto guerras. E, contudo, as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas” (CAMUS, 2009, p. 18).

O vírus da Covid-19, com seu alto grau de propagação, abalou as relações das pessoas e afetou a economia, a política e a cultura. Provocou séria reflexão sobre o

sentido de viver e conviver num mundo doente, ameaçado por um inimigo invisível e poderoso. A ocasião leva muitas pessoas a “um momento de preocupação pelo futuro que se apresenta incerto, pelo emprego que se corre o risco de perder e pelas outras consequências que acarreta a atual crise” (FRANCISCO, 2020, p. 31).

Padre Raniero Cantalamessa, pregador da Casa Pontifícia, em sua homilia na Sexta-feira Santa de 2020, na basílica de São Pedro – Roma, recordou que a pandemia nos despertou intensamente para o perigo do “delírio de onipotência”. Foi suficiente o menor e mais informe elemento da natureza, um vírus, para recordar a condição mortal da vida humana, e nem o poderio bélico nem a tecnologia bastaram para nos livrar das ameaças e mortes.

Inseguro diante do desconhecimento da nova realidade imposta por um vírus que mata, impotente e incapaz de definir as rotinas, o ser humano precisa lidar com sua condição finita e mortal. Cresceram a difusão de notícias sobre o sofrimento dos agonizantes nos hospitais, as estatísticas sobre o número de mortos e a circulação de imagens de covas sendo abertas em grande escala nas metrópoles. A realidade da morte ficou próxima, entrou nas casas pela mídia e desconcertou protocolos, processos e projetos. A facilidade do contágio e a consequente ameaça de morrer pelo vírus assombraram todos. Foi necessário pensar e falar sobre a morte numa sociedade que havia erradicado esse assunto do seu cotidiano.

2. A MORTE FAZ PENSAR

A consciência reprimida da morte mata já em vida e torna o ser humano apático em relação aos outros e a si mesmo, passando a assumir preconceitos contra as novidades e a erguer muralhas ao seu redor. A reflexão sobre a vida não deixa

Diretório para a Catequese

Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização



Imagens meramente ilustrativas.

Depois de 23 anos, a Santa Sé lançou essa nova versão do documento. O texto reúne as novas diretrizes para a Catequese, estabelecidas para enfrentar os desafios da era digital, recordar os últimos Sínodos vividos e lembrar o papel do catecumenato na Nova Evangelização. O objetivo é fazer com que a Catequese seja mais eficaz, constitua sentido na realidade dos catecúmenos de hoje e deixe de reproduzir a dinâmica escolar.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“O INDIVIDUALISMO, AS METAS DO MERCADO, O EXCESSO DE CONECTIVIDADE E A BUSCA DE UM DESEMPENHO COMPETITIVO DISTRAÍRAM O SER HUMANO DA ESSÊNCIA DA VIDA.”

de contemplar o limite e as perdas como ocasião de compreender o mistério da existência em momentos de crise.

A morte traz consigo novas interrogações e discussões que envolvem tudo e todos. “Diante da morte, o enigma da condição humana atinge seu ponto mais alto. O homem não se aflige somente pela dor e pela progressiva dissolução do corpo, mas também, e até mais, pelo temor da perpétua extinção” (GS 18).

É, porém, justamente para exorcizar essa possibilidade que a religião alarga a compreensão sobre a condição mortal da vida humana. A fé se traduz como uma reação à morte de cada ser humano: “a intuição do próprio coração fá-lo acertar, quando o leva a aborrecer e a recusar a ruína total e o desaparecimento definitivo da sua pessoa. O germe de eternidade que nele existe, ir-redutível à pura matéria, insurge-se contra a morte” (GS 18).

As estatísticas sobre os mortos, o luto reprimido pelo distanciamento social e a possibilidade de não sobreviver suscitam questões escatológicas. O futuro próximo está em questão, e a esperança além da vida também. Na recusa do desaparecimento definitivo, a fé cristã não cria uma teoria ou uma resposta ao problema; ela acolhe a revelação de Jesus Cristo como normativa. Cristo ressuscitado livrou o ser humano da morte com sua própria morte.

3. SURGIRÃO NOVO CÉU E NOVA TERRA

O destino futuro de todo ser humano não será o fim, mas a vida eterna, que é vida nova que não conhece dor, pranto ou morte. A fé na ressurreição é basilar para

todo ensinamento cristão e determina o presente, o futuro, a fé e a esperança de quem crê. Assim, a pandemia fez caírem as “máscaras” de uma fé muito religiosa, mas sem esperança em Cristo. Revelou que, sem uma mística pascal – que passa necessariamente pela cruz e ressurreição –, não há autêntica fé cristã.

A promessa de ressurreição não se restringe ao destino da pessoa, mas abrange o da história e do cosmo igualmente. Na escatologia cristã, a humanidade, a história e toda a criação anseiam pela realização da promessa: “Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reina a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens” (GS 39). Esperar o Reino que não tem fim implica cuidar da vida, ressignificar o sofrimento e discernir, à luz do juízo de Deus, sobre o *hoje* da história.

Nesse *hoje* há muitos questionamentos. Há injustiças cometidas, violências repetidas e urgências omitidas. Os sofrimentos e as mortes não são causados apenas pelo vírus ameaçador, mas também pela falta de informação, pelo descuido dos que ignoram a gravidade do momento, pelas políticas sanitárias equivocadas, pelas escolhas que priorizam o mercado e pelo descaso com os pobres e vulneráveis.

Tudo isso clama por justiça. A escatologia cristã, fundamentada no Evangelho, prevê que todos serão julgados no amor. O juízo envolverá a pessoa, a história e o universo. Esse juízo é esperança e graça.

Se fosse somente graça que torna irrelevante tudo o que é terreno, Deus

ficar-nos-ia devedor da resposta à pergunta acerca da justiça – pergunta que se nos apresenta decisiva diante da história e do mesmo Deus. E, se fosse pura justiça, o Juízo em definitivo poderia ser para todos nós só motivo de temor (SS 47).

Cabe considerar que muitas decisões concretas de pessoas e instituições não são pautadas pela verdade, bondade e beleza; são reguladas pelo mal, pelas seduições do Maligno, que tenta e seduz. É, contudo, o ser humano quem cede à opção que mata e fere a vida do *outro*. Isso se faz tanto em âmbito pessoal quanto social e até ambiental. Toda maldade cometida não será esquecida no juízo universal.

No capítulo 25 do Evangelho de Mateus, estão os critérios do juízo e a sentença já definida pelo Justo Juiz. Cada um deve colocar-se, desde agora, diante daquele momento escatológico que se constrói pelas escolhas realizadas ao longo da vida. Há os benditos e os malditos no juízo. Tudo que for feito ao menor dos irmãos de Jesus será contado como se tivesse sido realizado ao próprio Juiz e Senhor. O futuro se constrói hoje, na fé e na esperança.

4. ESPERAR E CONFIAR

Na contradição entre o hoje e o amanhã, entre a experiência e a espera, o ser humano se defronta com as várias possibilidades de se posicionar em relação ao futuro: desespero, presunção ou esperança. Entretanto, o que mais ameaça a esperança é a crise. Ela faz que se perca a confiança no tempo, pois já não se sabe se haverá futuro. Para Santo Agostinho, “estas duas coisas matam a alma: o desespero e a falsa esperança” (*Sermão* 87,8).

Desespero é a atitude daqueles que negam o futuro porque o identificam com o mal que está presente. Pensam o hoje

como tédio e caos. Apregoam o fim do mundo e interpretam a pandemia segundo uma visão catastrófica e, às vezes, até como resultado de castigo divino. É atitude de quem perde a fé e a esperança. Confiar demais nas próprias forças pode ter um custo muito alto: não saber confiar totalmente na surpresa de Deus. “O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores das estrelas” (FRANCISCO, 2020, p. 23). Deus está do nosso lado, e não do lado do vírus.

Presunção é a atitude daquele que avalia falsamente a si mesmo e as capacidades do mundo. Identifica-se o presente com o bem que deve vir. Faz-se a idolatria da hora, vive-se o engano da falsa esperança. Sugerem-se soluções simplórias, fáceis e até mágicas; postura essa de quem não é realista nem prudente, visto que prefere julgar a realidade numa ótica unilateral e equivocada. A Covid-19 desmascara as presunções e

pega nossas sociedades despreparadas [...] em relação à nossa visão de mundo e existência. Do que julgamos distante, e do que é realmente próximo. Do que consideramos estritamente individual e do que é coletivo. Do que acreditamos poder nos proteger e do que isso nos expõe (MENDONÇA, 2020, p. 7-8).

Esperança é a paixão por aquilo que é possível. É a estrutura originária da existência humana no mundo e a estrutura originante que qualifica a existência diante do futuro e, ao mesmo tempo, subverte a ordem atual. O humano vive na medida em que espera, porque ele é esperança. Entre o *já* realizado e o *ainda não* alcançado, a esperança galvaniza o presente, suscitando novas possibilidades, oportunidades e caminhos.

“CONFIAR DEMAIS NAS PRÓPRIAS FORÇAS PODE TER UM CUSTO MUITO ALTO: NÃO SABER CONFIAR TOTALMENTE NA SURPRESA DE DEUS.”

A esperança se fundamenta na confiança na ação do Espírito Santo, que infunde conforto e paz em tempos de adversidade. Essa serenidade e alegria são penhor e antecipação da glória vindoura (2Cor 1,3-7). A dor, então, não é prerrogativa do apóstolo ou de alguns cristãos, porque, na verdade, faz parte do ser em Cristo. Sofrer com Cristo, assim, é graça especial que ultrapassa a graça da fé.

Por isso, o apóstolo Paulo chega a anunciar aflições para sua comunidade cristã. Para ele, a dor não é apenas algo que deva ser suportado, mas é, muito mais, uma luta ativa pela causa de Cristo. Assim, não se envergonhava nem se abatia pelos sofrimentos; ao contrário, via, nas perseguições e nos tormentos pelos quais passava, motivo de alegria e fonte de conforto, porque sabia que se tornavam um indício da salvação ao se incorporarem à paixão de Cristo.

Nesse sentido, a fé não pode ocupar-se em responder ao porquê da pandemia e das mortes. Na Sagrada Escritura, não se encontra uma solução racional para a questão da dor e da morte. Mesmo que os textos tendam, em sua maior parte, a conceber a dor como resultado de uma desordem introduzida no mundo pelo pecado, o certo é que, biblicamente, não se sustenta a ideia de que todo tipo de sofrimento humano é resultado de um destino cego que advém sobre a humanidade. Muito mais, ele é entendido como uma disposição da insondável sabedoria divina, a qual o ser humano deve reverenciar pela força da fé.

5. SOLIDÁRIOS NA DOR E NO SERVIÇO À VIDA

O flagelo não é uma vingança, tampouco um castigo divino para descontar

as faltas humanas. É um caminho para que a humanidade alcance a felicidade eterna. Por um lado, a dor induz o pecador a abandonar o pecado e se voltar para Deus; por outro, o sofrimento é vivido pelo justo como um meio da pedagogia divina. Essa pandemia nos tornará melhores ou piores, disse o papa Francisco no Ângelus de 31 de maio de 2020. Se todos entenderem o significado de estarmos juntos e na solidariedade que nos envolve, cresceremos.

A dor de Cristo se renova e continua na dor do seu discípulo. Isso acontece porque Cristo não sofreu por si mesmo, mas pelos outros. O mesmo vale para o cristão, que não sofre por si, mas pelos outros. Ele, portanto, não sofre só porque Cristo sofreu, mas padece porque é continuador da obra de Cristo (Cl 1,4). Enquanto for instrumento de Cristo por essência, ele deve sofrer pelos outros.

Essa dor solidária se traduz, sobretudo, na incansável labuta dos profissionais da área da saúde que se dedicam a mitigar o sofrimento das vítimas da Covid-19. Para poder ajudar, esses servidores da vida precisam lidar com o sofrimento de assistir às mortes ocorridas na solidão, com a agonia do paciente incapaz de respirar e com a carência de recursos suficientes para atender a todas as demandas. Para permanecer na missão, esses profissionais, mesmo sem saber e, talvez, até sem crer, ingressam numa comunhão profunda com os sofrimentos de Cristo. Entenderam que somos capazes de “sofrer com o outro, pelos outros; sofrer por amor da verdade e da justiça; sofrer por causa do amor e para se tornar uma pessoa que ama verdadeiramente” (SS 39).

CONCLUSÃO

Para quem crê, até mesmo a provação da pandemia pode estabelecer uma intimidade com Cristo e fortalecer a esperança na vida eterna. Com ele, o sofrer implica tentação e convite.

Tentação, porque a dor, seja ela qual for, ameaça as seguranças e certezas. Ela é uma ruptura que pode fragmentar a pessoa. Quando o sofrimento provoca revolta, constata-se uma reação até natural de quem se sente impotente e não consegue avaliar os limites da natureza. Não raras vezes, imputa-se a Deus a impotência humana. Nesse caso, a crise atinge a fé e a esperança.

Convite, porque ao absurdo da dor se contrapõe a solidariedade de Cristo, a qual modifica o sentido do sofrimento. Se a revolta é uma reação natural, a paz é um dom sobrenatural a ser acolhido. Quem sofre pode crescer moral e espiritualmente com essa experiência. É claro que poucos conseguem viver tudo isso em meio a grande provação. Isso depende da capacidade mística de se abandonar, incondicionalmente, nas mãos de Deus. É a condição de quem compreende que somente quem crê e espera em Cristo pode abrir caminhos de libertação da escravidão imposta pelo mal. Assim, não interessa *quanto* se sofre, mas *como* se sofre.

No cristianismo primitivo, entendia-se que as perseguições, os martírios e as dificuldades de toda sorte tinham profunda conexão com a esperança. Aceitava-se so-

frer porque Cristo havia sofrido. Não era uma atitude passiva e fraca, e as tribulações eram percebidas como sinais de que o tempo messiânico havia efetivamente começado. Os sofrimentos permitiam participar da paixão de Cristo, mas se esperava que, em breve, ocorreria sua vinda gloriosa. Enfim, sofria-se na esperança da vitória (2Ts 1,4-10).

Afinal,

precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar todo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir (SS 16).

A pandemia da Covid-19 encerrou um jeito de viver neste mundo. Novos ritmos e novos estilos de interação com a nova realidade irão se impor. A falsa segurança e o delírio de onipotência ruíram. Há dúvidas, incertezas e inseguranças sobre o futuro próximo. A fé cristã, porém, sustentada por uma esperança que não decepçiona (Rm 5,5), assegura que as promessas de Cristo se cumprirão, porque Deus é fiel (1Cor 1,9). Cabe a cada cristão acolher o tempo presente vivendo entre as coisas que passam e “abraçando” aquelas que não passam. A empatia, a solidariedade e a defesa da vida são testemunhos de uma caridade que jamais se perderá.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI, Papa. Carta Encíclica *Spes Salvi*: sobre a esperança cristã (SS). São Paulo: Paulinas, 2007.

CAMUS, Albert. *A peste*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

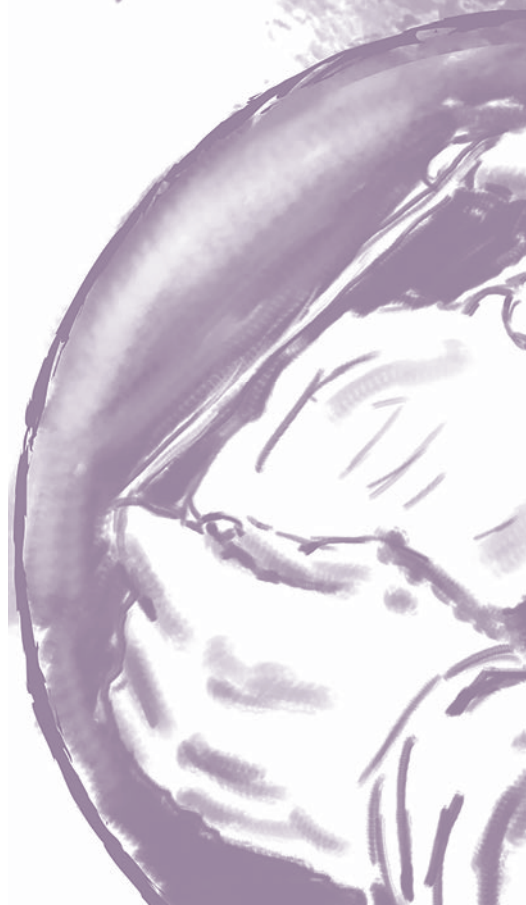
FRANCISCO, Papa. *Vida após a pandemia*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

MENDONÇA, José Tolentino de. *Il potere della speranza*. Milano: Vita e Pensiero, 2020.

A IGREJA NO PÓS-COVID-19: DESAFIOS PASTORAIS

A Igreja em saída para as periferias humanas terá de tecer proximidade com as famílias em suas reais situações. O exercício consciente do ministério comum dos batizados fará superar o centralismo clerical e o culto sem vida. A Eucaristia celebrará o cotidiano das pessoas, na comunhão de muitas pequenas comunidades vivas. E, para defender a vida, sobretudo dos mais vulneráveis, a Igreja se fará hospital de campanha.

*Maria Cecília Domezi, doutora em Ciência das Religiões e mestre em Teologia e em História Social, leciona História da Igreja no Instituto Teológico São Paulo (Itesp). Entre seus livros está *Mulheres do Concílio Vaticano II*, publicado pela Paulus. Tem experiência de trabalho pastoral e assessoria às CEBs.





“MÃOS HABITUADAS A ABENÇOAR E ACARINHAR FICARAM ISOLADAS, IMPOTENTES, IMPEDIDAS DO TOQUE FINAL DE DESPEDIDA DOS ENTES QUERIDOS.”

INTRODUÇÃO

“Estende a tua mão ao pobre” (Eclo 7,32) é o *slogan* da carta que, em 13 de junho deste ano, o papa Francisco publicou como mensagem sua para o IV Dia Mundial dos Pobres, a ser celebrado em 15 de novembro de 2020.

No intenso convívio com a incerteza e a morte, nossas mãos foram dramaticamente sentidas, pensadas e tratadas. Tantas pessoas não tinham como higienizar as suas, por falta de água e de recursos de desinfecção. Mãos habituadas a abençoar e acarinhar ficaram isoladas, impotentes, impedidas do toque final de despedida dos entes queridos. Pelas ruas, motocicletas eram dirigidas por outras mãos, em serviços de entrega de alimento, transportado nas costas por quem tinha seu estômago vazio e uma família para sustentar.

Outras tantas mãos foram ao encontro daquelas que se estendiam na mais angustiante vulnerabilidade e carência. Fizeram de igrejas e salões paroquiais entrepostos de solidariedade, para recolher e repartir alimento, agasalho e produtos de higiene. Mãos confeccionaram e doaram máscaras de proteção. Mãos profissionais e cheias de humanismo expuseram-se a sérios riscos – em tantos lugares do Brasil onde faltaram os adequados equipamentos de proteção individual – para cuidar dos enfermos e moribundos, transportá-los, curá-los, carregar e sepultar os mortos.

Ao mesmo tempo, sentimos o vazio dos templos fechados pela decretação do isolamento social. Aliás, um esvaziamento e fechamento de igrejas, mosteiros e seminários já eram vistos antes da pandemia, na Europa e em outras partes do mundo,

evidenciando que precisávamos nos preparar para um novo tempo na história do cristianismo. As Igrejas precisavam passar de um estático ser cristão para um dinâmico tornar-se cristão (HALÍK, 2020).

Vivemos o choque diante do túmulo vazio de Jesus, junto com as mulheres discípulas. Ele não estava ali. Ressuscitado, esperava-nos na Galileia (cf. Mc 15,42-47 e 16,1-8), lugar das pessoas desprezadas e descartadas.

Já não podemos permanecer acomodados em templos grandes e lotados, mas vazios de ação missionária.

No dia 27 de março de 2020, foi um sinal dos tempos o vazio plenificado de sentido humano envolto pelo mistério divino na imensa praça de São Pedro. Francisco, bispo de Roma, ali caminhou sozinho, carregando no coração a dor da humanidade e do mundo. Mostrou que a cruz vence o absurdo, liberta-nos do medo e nos dá esperança. Conclamou todos a possibilitar “novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade”. E fez esta oração:

Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-te: “Acor-da, Senhor!” (VATICAN NEWS, 27 mar. 2020).

Neste mundo enfermo, são muitos e urgentes os desafios pastorais para a Igreja, que, como insiste o mesmo papa Francisco, é chamada a ser Igreja em saída.

1. SAIR DO CENTRALISMO CLERICAL E DO CULTO SEM VIDA

É teologia fontal da Igreja cristã que o batismo estabelece entre seus membros uma igualdade fundamental. De fato, o apóstolo Paulo escreveu: “Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo” (Gl 3,28).

Com o tempo, porém, as relações fraternas e igualitárias entre os membros da Igreja foram contaminadas por desigualdades e discriminações. As mulheres, submetidas desde muito cedo ao crivo do patriarcalismo, têm sido as mais prejudicadas. Os ministérios foram clericalizados e hierarquizados, com nuances estranhas à mensagem e à prática de Jesus. Isso resultou numa institucionalização empobrecida e fechada no mundo clerical masculino, em detrimento do carisma (SOBERAL, 1989, p. 175-177; 290; 331-332).

No Concílio Vaticano II, o *aggiornamento* da compreensão da Igreja sobre si mesma deu primazia ao povo de Deus em sua totalidade. A partir do concílio e com base na dignidade de todas as pessoas batizadas, a hierarquia e os ministérios específicos são redimensionados. Por isso, o papa Francisco afirma que as funções na Igreja não legitimam a superioridade de uns sobre os outros. Acima do ministério sacerdotal está a dignidade e a santidade acessível a todos e todas (EG 104).

Nos meses atípicos da pandemia, não faltaram testemunhos de atuação de membros da Igreja conscientes dessa doutrina e coerentes com ela. Segmentos do laicato católico, junto com sacerdotes, religiosas

Ministério da presidência

A arte de presidir a Eucaristia

Pe. José Freitas Campos



104 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro é destinado, principalmente, a sacerdotes, bispos, diáconos e seminaristas.

Guiada pela *Sacrosanctum Concilium*, essa obra quer consolidar a perspectiva da liturgia enquanto ação e festa do povo de Deus, que necessita ser animada e celebrada por todos sob a coordenação do presidente da Assembleia Litúrgica. Para isso, aborda temas como a conexão do ministro com o povo, a sua formação, o roteiro da presidência, a expressão corporal, entre outros.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“A PASTORAL FAMILIAR PRECISARÁ DE TODO O ENVOLVIMENTO E AJUDA DA COMUNIDADE ECLESIAL PARA QUE SEUS ANIMADORES E AGENTES ESTEJAM EM PERMANENTE FORMAÇÃO, CULTIVANDO A ESPIRITUALIDADE NA INTERAÇÃO COM O ENGAJAMENTO SOCIAL.”

e religiosos, prepararam e conduziram, na internet, importantes seminários, ciclos de formação, momentos de espiritualidade e de liturgia que celebra a vida e a luta. A ação pastoral caminhou, com seus serviços específicos, na comunhão das Igrejas locais e da Igreja universal. E o exercício consciente da “cidadania batismal” se fez sentir, na corresponsabilidade de todos enquanto participantes do ministério comum de líderes-pastores, sacerdotes e profetas.

No entanto, também apareceram descompassos: o de um laicato reduzido a ajudante do padre e quase somente ao redor do altar do culto, e o de padres restritos ao altar, que enviaram aos fiéis mensagens quase sempre de mão única, sem espaço aberto para o diálogo. Está certo que muitos sacerdotes saíram pelas ruas a pé, em cima de caminhonetes e até sobrevoando de helicóptero para dar a bênção do Santíssimo Sacramento. Famílias esperaram durante horas, reunidas em oração. Transformaram em capelas suas garagens, varandas, janelas, com toalhas estendidas, flores, velas e imagens de santos de devoção. Emocionaram-se e se sentiram consoladas. Ali estava o rico potencial do catolicismo popular.

A questão é que a bênção não pode ser só de passada, num vazio de vínculo e de compromisso com as pessoas em suas realidades e situações específicas. Ainda mais porque o pluralismo religioso chama a Igreja a superar aquele modo de cristandade que se impõe como religião de toda a nação. A Igreja em saída empenha-se numa construção como que artesanal da abertura ao outro, criativamente, com o ecumenismo que contribui para a unidade da família

humana (EG 244-245). E a dádiva da bênção divina virá pela consciência de que a imagem de Deus está gravada na pessoa de quem sofre:

São inseparáveis a oração a Deus e a solidariedade com os pobres e os enfermos. Para celebrar um culto agradável ao Senhor, é preciso reconhecer que toda pessoa, mesmo a mais indigente e desprezada, traz gravada em si mesma a imagem de Deus. De tal consciência deriva o dom da bênção divina, atraída pela generosidade praticada para com os pobres. Por isso, o tempo que se deve dedicar à oração não pode tornar-se jamais um alibi para descuidar o próximo em dificuldade. É verdade o contrário: a bênção do Senhor desce sobre nós e a oração alcança o seu objetivo quando são acompanhadas pelo serviço dos pobres (FRANCISCO, 2020a).

Nessa dinâmica que dá vida ao culto, também é preciso repensar a pastoral voltada para as famílias. Estas, tantas vezes destroçadas e cada vez mais marcadas pela pluralidade religiosa, estão longe daquele modelo de moral familiar sob o controle do clero católico para manter a sociedade hegemonicamente católica.

A pastoral familiar precisará de todo o envolvimento e ajuda da comunidade eclesial para que seus animadores e agentes estejam em permanente formação, cultivando a espiritualidade na interação com o engajamento social. Como Jesus ao aproximar-se da viúva que enterrava seu filho único (Lc 7,11-17), da sogra de Pedro enferma (Lc 4,38-40), de Jairo e de sua filha que estava

morrendo (Lc 8,40-56), é imprescindível a proximidade com as famílias em sua real condição de vida e, agora, com as marcas dolorosas da pandemia, para ajudá-las a experimentar a misericórdia de Deus (CNBB, 2019, n. 139).

Na realidade brasileira, principalmente nas grandes cidades, as famílias são atingidas por isolamentos permanentes e indeterminação de lugar. Muitas delas tornam-se pequenos aglomerados de indivíduos isolados, sofrendo com a crise econômica e o desemprego, e com uma rotina marcada pelo medo e pelo desamparo. Um culto que se furte a essa realidade e não se paute no direito e na justiça torna-se ofensa a Deus. Na palavra divina “quero a misericórdia e não o sacrifício” (Mt 9,13), está o princípio ético absoluto que inclui todos e põe a vida antes da norma e do culto (PASSOS, 2020, p. 118-119).

As famílias têm o amor vivido, que é força para toda a Igreja (AL 88). E grupos de famílias podem constituir núcleos comunitários onde a Igreja se reúne para meditar a Palavra, rezar, partilhar a vida e o pão (CNBB, 2019, n. 140).

2. SER IGREJA NA COMUNHÃO DE PEQUENAS COMUNIDADES

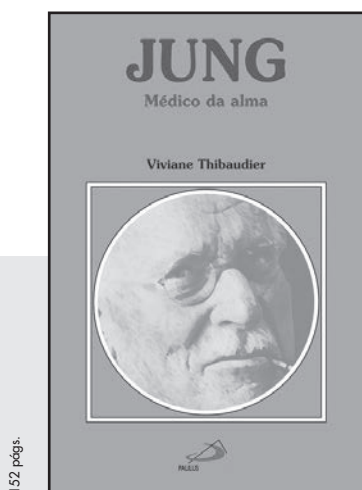
Por um lado, faltam-nos estudos, fundados na objetividade científica, a respeito da vivência dos católicos durante o isolamento social, longe dos padres. Sabemos que é real a crescente secularização, assim como a tendência aos arranjos pessoais de crenças e práticas religiosas em meio à modernidade líquida.

Por outro lado, testemunhos de diversos amigos falam da força do catolicismo popular, no qual se está historicamente habituado a não sentir tanta falta da presença do sacerdote. Podemos lembrar o ciclo da mineração do ouro na história do Brasil. O poder central da colônia proibiu

Jung

Médico da alma

Viviane Thibaudier



Ainda pouco conhecido em muitos países, Jung é um dos maiores pensadores do século XX, tendo sido, com Sigmund Freud, fundador do movimento psicanalítico e genial teórico da alma humana. Buscando eliminar as distorções feitas sobre a sua imagem, a obra quer apresentar a vida e o legado de Jung de forma autêntica. Nela descobre-se como um diálogo fértil com o inconsciente pode transformar o olhar sobre a vida e trazer-lhe o sentido que lhe falta.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

**“A IGREJA EM SAÍDA É DECIDIDAMENTE MISSIONÁRIA.
DEIXA DE SER AUTORREFERENCIAL E PREOCUPADA EM SER O CENTRO,
PRESA NUM EMARANHADO DE OBSESSÕES E PROCEDIMENTOS.”**

a presença do clero religioso e submetia a rígido controle os padres seculares. Em meio às dores da escravidão, porém, ali nas Minas Gerais, forjou-se um modo de Igreja da base, de face leiga e devota, comunitária, fraterna e até certo ponto subversiva da ordem injusta e cruel que se impunha. Junto com alguns freis e padres místicos e andarilhos, os ministérios eram exercidos por capelães de beira de estrada, beatos, festeiros, fundadores de santuários, membros e dirigentes de irmandades devotas dos santos.

Essa trilha histórica do catolicismo popular, com seu sulco profundo, preservou-se apesar do empenho romanizador da hierarquia da cristandade. Seu referencial foi importante para a irrupção insuspeitada das comunidades eclesiais de base, no pentecostes do Concílio Vaticano II, que a Igreja da América Latina abraçou de modo original desde a Conferência de Medellín. Como afirma o *Documento de Aparecida*, elas “demonstram seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres”. A serviço da vida na sociedade e na Igreja, são fonte e semente da multiplicidade dos ministérios eclesiais (DAP 179).

Será imprescindível a atuação de muitas pequenas comunidades eclesiais missionárias nas ruas, condomínios, aglomerados, edifícios, unidades habitacionais, bairros populares, povoados, aldeias e grupos de afinidade. No encontro de comunidades que celebram a Eucaristia, sacramenta-se a privilegiada comunhão com a Igreja local, os vínculos fraternos se fortalecem, partilha-se a vida, há compromisso em projetos

comuns e impulsiona-se a missão em meio à sociedade (CNBB, 2019, n. 85).

No mundo pós-pandemia, o centralismo na matriz paroquial não será oportuno, tampouco a concentração de massas de católicos em grandes templos. Quando forem possíveis, o encontro e o culto em catedrais, templos grandes, estádios serão de comunidades vivas em comunhão e participação. Na Eucaristia, sacramento da unidade de toda a Igreja, estará a vivência eucarística de todos os membros em seu cotidiano.

As mulheres, especialmente, têm dado testemunho dessa dimensão eucarística no cotidiano das casas. Como observa a teóloga inglesa Tina Beattie (2020), surgiu uma Igreja doméstica que dissolveu fronteiras entre a liturgia formal, mediada por um sacerdócio exclusivamente masculino, e um mundo doméstico mais informal, de liturgias caseiras e rituais improvisados, muitas vezes presididos por mulheres. Elas assumiram o sacerdócio da casa e da criação, e tornaram eucarísticas as refeições.

3. SER IGREJA EM DEFESA DA VIDA, SOBRETUDO DA DOS MAIS POBRES E VULNERÁVEIS

A Igreja em saída é decididamente missionária. Deixa de ser autorreferencial e preocupada em ser o centro, presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Sai em direção aos outros e chega às periferias humanas. É a casa do Pai aberta a todos e é mãe de coração aberto. É preferível que esteja “acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas” a enferma pelo próprio fechamento em si (EG 46-49).

É claro que os recursos econômicos são necessários, como também as estruturas eclesiais societárias e jurídicas. Será preciso, porém, vencer a tentação de persistir na manutenção da falsa segurança na grandeza e no poder. E, no âmbito da sociedade, profeticamente dizer não à economia de exclusão. “Esta economia mata!” Ninguém é descartável (EG 53-56). Nessa perspectiva, são antievangélicas as barganhas com governantes opressores (CNBB, 2020a). Como disse o papa Francisco no final do *Regina Coeli*, em 31 de maio de 2020, “nós, pessoas, somos templos do Espírito Santo; a economia não”.

Que não se cobre dos paroquianos, já tão angustiados pela crise econômica e pelo desemprego, uma sobrecarga de obrigações com quermesses, festas e campanhas de arrecadação de dinheiro. A exemplo das primeiras comunidades cristãs (At 2,42-47 e 4,32-37), é hora de encorajar-se uns aos outros para a mútua ajuda, leigos e sacerdotes, compartilhando a própria pobreza, as dídivas da criação, o tempo a dedicar ao próximo, os dons de cada um. Na Igreja local correspondente à diocese, uma caixa comum será oportuna para diminuir a desigualdade econômica entre os membros do clero e socorrer os que estejam em necessidade.

Desse modo, a Igreja testemunhará ao mundo que a vida tem de estar em primeiro lugar. O Concílio Vaticano II afirma que o desenvolvimento econômico deve permanecer sob a direção do ser humano, mas não deve ser deixado só a cargo de uns poucos indivíduos ou grupos economicamente mais fortes, nem exclusivamente da comunidade política, nem de algumas nações mais poderosas (GS 65).

Em 24 de abril de 2020, numa nota reiterativa do Pacto pela Vida e pelo Brasil, de diversas organizações voltadas para o bem comum, a CNBB afirmou que a

economia deve estar a serviço da vida, na perspectiva da Doutrina Social da Igreja. Além disso, conclamou toda a sociedade brasileira e os responsáveis pelos poderes públicos “a se libertarem dos vírus mortais da discórdia, da violência, do ódio”, unindo-se na defesa da vida, especialmente a dos mais pobres e vulneráveis.

Como Igreja em saída, temos de nos lançar nos serviços de cura da humanidade e do mundo. É bem oportuna a metáfora do papa Francisco da Igreja como um hospital de campanha:

Aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar altos. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar de todo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo (FRANCISCO, 2013b).

A Igreja como hospital de campanha é a que faz diagnósticos, identificando os sinais dos tempos; faz prevenção, criando um sistema imunológico ao vírus do medo, do ódio, do populismo e do neocolonialismo; e faz convalescência, com o perdão que ultrapassa os traumas (HALÍK, 2020).

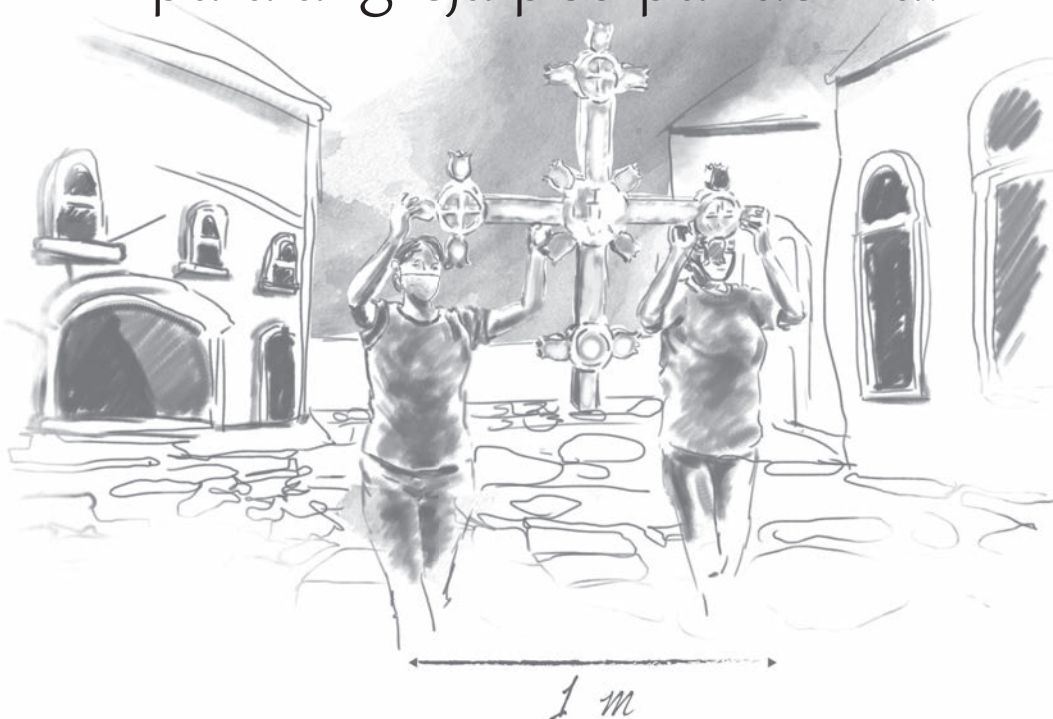
Nesse modo de atuar na sociedade, como membros da comunidade eclesial, ajudaremos as pessoas a se libertarem da indiferença consumista, a cultivar uma identidade comum e uma história a ser transmitida para as novas gerações, a recuperar e desenvolver os vínculos que fazem surgir novo tecido social. Cuidaremos do mundo e da qualidade de vida dos mais pobres, na consciência solidária de habitar-mos numa casa comum que Deus nos confiou (LS 178). **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEATTIE, Tina. As mulheres e a Igreja pós-pandemia. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, 5 jun. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599690-as-mulheres-e-a-igreja-pos-pandemia-artigo-de-tina-beattie>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe (DAp). Brasília, DF: CNBB; São Paulo: Paulus/ Paulinas, 2007.
- CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*: 2019-2023. Brasília, DF: CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, n. 109).
- _____. *Nota de esclarecimento*, 6 jun. 2020a. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/a-igreja-catolica-nao-faz-barganhas-afirma-nota-de-esclarecimento/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- _____. *Nota oficial da presidência*, 29 abr. 2020b. Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/noticias/posicionamento-da-cnbb-em-defesa-da-democracia-pela-justica-e-pela-paz.html>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no Mundo Atual (GS). In: _____. *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos, declarações. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FRANCISCO, papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). São Paulo: Paulus/Loyola, 2013a.
- _____. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família (AL). São Paulo: Paulinas, 2016.
- _____. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum (LS). São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.
- _____. Entrevista a Antonio Spadaro. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, 19 out. 2013b. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523920-procuremos-ser-uma-igreja-que-encontra-caminhos-novos-entrevista-com-o-papa-francisco>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- _____. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres*, 13 jun. 2020a. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20200613_messaggio-iv-giornatamondiale-poveri-2020.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- _____. Carta ao presidente da Colômbia, Iván Duque Márquez, por ocasião do Dia Mundial do Meio Ambiente. *Vatican News*, 5 jun. 2020b. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-06/papa-carta-presidente-colombia-dia-mundial-meio-ambiente.html>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- HALÍK, Tomás. Igrejas fechadas: um sinal de Deus? *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, 3 maio 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598553-igrejas-fechadas-um-sinal-de-deus-artigo-de-tomas-halik>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- MAYER, Tânia da Silva. Igrejas domésticas em tempos de pandemia. *Dom Total*, 7 abr. 2020. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1435277/2020/04/igrejas-domesticas-em-tempos-de-pandemia/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- PASSOS, João Décio. *O vírus vira mundo*: em pequenas janelas da quarentena. São Paulo: Paulinas, 2020.
- SOBERAL, José Dimas. *O ministério ordenado da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- VATICAN NEWS. *Papa Francisco*: abraçar o Senhor para abraçar a esperança, 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-coronavirus-bencao-urbi-et-orbi.html>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PEQUENAS COMUNIDADES MISSIONÁRIAS:

Uma saída pastoral para a Igreja pós-pandemia?



O artigo se propõe discutir as pequenas comunidades missionárias como uma alternativa para a vida eclesial pós-pandemia.

As comunidades eclesiais missionárias fazem parte das diretrizes para a ação evangelizadora da Igreja no Brasil, reverberando um desejo do papa Francisco expresso na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (A Alegria do Evangelho). O autor sugere retomar esse modelo de organização das comunidades no novo contexto eclesial.

*Normando Martins Leite Filho é professor universitário no Centro Universitário UNA, mestre em Educação e teólogo, candidato ao diaconato permanente na arquidiocese de Belo Horizonte, membro da Equipe Regional de Liturgia da RENSA/arquidiocese de BH. Entre outros livros, é autor de *O individualismo na pós-modernidade*, publicado em 2012 pela CRV. E-mail: normandleite@hotmail.com

“UMA IGREJA VERDADEIRAMENTE MISSIONÁRIA, EM SAÍDA, COMO PRECONIZA O PAPA, DEVE REVER SUA CAMINHADA, ABRIR-SE À AÇÃO DO ESPÍRITO.”

CONTEXTO ECLESIAL

Desde março de 2020, tivemos no mundo uma situação nova, com a qual a Igreja católica teve de se defrontar: a pandemia da Covid-19. A partir do momento em que foi decretada a pandemia pela Organização Mundial da Saúde, os órgãos governamentais adotaram protocolos rígidos de distanciamento social, impedindo a aglomeração de pessoas e exigindo-lhes que permanecessem em casa. Essas medidas impactaram diretamente a vida nas paróquias e comunidades, com a suspensão de celebrações abertas à presença de todos, assim como das reuniões e encontros, para evitar a aglomeração de pessoas e a contaminação que poderia ocorrer nesses espaços. Passados alguns meses, em certos países já se começou a promover uma flexibilização gradual do distanciamento social, com a liberação de celebrações com número restrito de pessoas e com cuidados de proteção e higienização rígidos. Diante dessa nova situação, a Igreja católica vê-se desafiada a continuar seu trabalho de evangelização. Por isso, cabe perguntar: como organizar a vida paroquial das comunidades depois da pandemia?

1. A IGREJA EM SAÍDA MISSIONÁRIA

Várias experiências da Igreja em sua história bimilenar, que remontam às primeiras comunidades cristãs, poderiam oferecer uma saída para esse problema e, ao mesmo tempo, promover uma revitalização dos próprios processos eclesiais. Com um discernimento pastoral espetacular, o papa Francisco já tinha identificado essa necessidade na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho). Olhando para o *Documento de Aparecida*, vislumbrou o desafio de sair

de uma pastoral de conservação para uma pastoral em chave missionária (DAP 370); a necessidade de repensar as estruturas das comunidades eclesiais e da própria Igreja segundo outro ponto de referência missionário.

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (FRANCISCO, 2019, p. 25).

A própria paróquia, a estrutura eclesial que tem congregado a vida comunitária, pode assumir novos formatos, adaptando-se à dinâmica da vida cotidiana, às exigências do tempo presente, em que homens e mulheres vivem e convivem diante da sua realidade específica, clamando pela presença da Igreja.

A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente,

continuará a ser “a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas” (FRANCISCO, 2019, p. 26).

Portanto, uma Igreja verdadeiramente missionária, em saída, como preconiza o papa, deve rever sua caminhada, abrir-se à ação do Espírito, permitindo que surjam novas formas pelas quais se evangeliza nos tempos atuais e anunciando a mensagem do Evangelho a todas as pessoas. Nesse sentido, o papa recorda a riqueza das experiências vindas das próprias comunidades que, abertas ao discernimento da presença e atuação do Espírito Santo, inauguram novas formas de viver como comunidades cristãs.

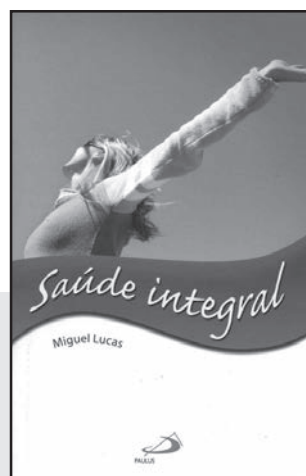
As outras instituições eclesiais, comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e setores. Frequentemente trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja. Mas é muito salutar que não percam o contato com esta realidade muito rica da paróquia local e que se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular. Esta integração evitará que fiquem só com uma parte do Evangelho e da Igreja, ou que se transformem em nômades sem raízes (FRANCISCO, 2019, p. 27).

2. AS COMUNIDADES MISSIONÁRIAS

A Igreja no Brasil, representada pela CNBB, observou atentamente os princípios emanados dos documentos do magistério e atualizou seu plano pastoral, propondo um caminho que contemple as novas diretrizes da evangelização. No Documento 109 da CNBB, emergem as diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil no período de 2019 a 2023. O Documento 109

Saúde integral

Miguel Lucas



48 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O corpo físico é apenas uma das dimensões que compõem o nosso ser. Além dele, é preciso considerar a mente, a dinâmica energética e a espiritualidade. Na obra, o autor, que é dono de outros títulos sobre autoconhecimento, apresenta diversas orientações práticas para que você alcance um estado de equilíbrio e saúde plena, integrando o físico, o racional, o emocional e o espiritual. Trata-se de um convite a uma vida mais saudável, tranquila e harmônica.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“OS GRUPOS DE CÍRCULOS BÍBLICOS JÁ CUMPREM O PAPEL DE SEREM POLOS AGLUTINADORES DE PEQUENAS COMUNIDADES”

recolhe as vivências e reflexões dos bispos em diálogo com padres, diáconos, pastorais e todos os leigos e leigas que colaboram no processo de evangelização nacional. Nesse documento encontramos uma novidade que poderá contribuir como possível alternativa para os tempos pós-pandemia que se avizinhavam: as comunidades eclesiais missionárias.

A vida fraterna em pequenas comunidades – abertas, acolhedoras, misericordiosas, de intensa vida evangélica – constitui fundamento sólido para o testemunho da fé. [...] Pequenas comunidades oferecem um ambiente humano de proximidade e confiança que favorece a partilha de experiências, a ajuda mútua e a inserção concreta nas mais variadas situações (CNBB, 2019, p. 25; 29).

Essas pequenas comunidades missionárias podem servir, neste tempo de pandemia, para congregar as pessoas de acordo com o critério de proximidade, alargando o campo de atuação da Igreja e propiciando uma evangelização mais perto de cada pessoa. Assim, a nova organização eclesial nessas comunidades menores visa garantir que não sejam desrespeitados os critérios sanitários para conter o vírus e, ao mesmo tempo, permite que a Igreja possa estar mais próxima de suas ovelhas. Uma possibilidade de implementá-las deve levar em conta a realidade local de cada paróquia, com suas diversas comunidades. Devem-se ouvir as lideranças, as pastorais, os ministros ordenados e leigos, enfim, todos os envolvidos com a ação evangelizadora paroquial.

De maneira esquemática, apresentamos a seguir uma das possíveis formas ou estratégias

que podem nortear a ideia de formar pequenas comunidades missionárias no âmbito paroquial. Trata-se de pequeno esboço no qual se apontam alguns princípios, pensando muito mais na estruturação mais ampla do que nas especificidades, normalmente a cargo das múltiplas realidades existentes na (arqui)diocese. A tabela, de nossa autoria, detalha as linhas gerais da proposta, apenas sugerindo alguns caminhos, como opções para esse trabalho. As comunidades podem evidentemente escolher outras abordagens que lhes sejam mais adequadas.

PROPOSTA DE DIVISÃO DE PEQUENAS COMUNIDADES MISSIONÁRIAS

PARÓQUIA

Geralmente é organizada em várias comunidades eclesiais. Continua a existir normalmente, recebendo novas comunidades menores.

COMUNIDADES ECLESIAIS PAROQUIAIS

Serão o ponto de partida para as novas comunidades. Com base nessas comunidades eclesiais, propõe-se a subdivisão em pequenas comunidades missionárias. Pode-se usar a referência das comunidades de base, tendo os círculos bíblicos como alicerce dessas novas comunidades menores.

PEQUENAS COMUNIDADES MISSIONÁRIAS

Organizadas com base em algumas famílias ou no grupo de círculo bíblico, se for o caso. Reúnem-se para celebrar, organizando a vida comunitária naquele pequeno núcleo de fé. Pressupõem a coordenação, a equipe de celebração, de dízimo, de catequese e outros serviços. Podem reunir-se nas casas, praças ou em um espaço alugado ou cedido. Estão ligadas às comunidades eclesiais

de origem, mantendo uma relação de comunhão com a paróquia. Por reunirem até 20 ou 30 pessoas, favorecem a proximidade e um vínculo mais próximo.

VANTAGENS DESSAS NOVAS COMUNIDADES

Criam laços e proximidade. Nesse novo formato, pode-se viver a fé de maneira mais próxima e estimula-se uma coerência maior entre fé e vida, com todos se conhecendo e sabendo de suas dificuldades e desafios. São espaços para formação bíblica, litúrgica e pastoral. Oferecem uma estrutura eclesial mais simples que favorece o encontro e a vivência da fé.

O que importa, efetivamente, é que cada comunidade eclesial possa descobrir como fazer acontecer esse novo modelo de organização das comunidades. A sugestão oferecida parte da experiência das comunidades de base. Partimos do princípio de que, em tais comunidades, essa dinâmica já está presente em seu modo de ser, em seu fazer cotidiano, marcado por relações próximas. Os grupos de círculos bíblicos já cumprem o papel de serem polos aglutinadores de pequenas comunidades. Conhecemos algumas comunidades eclesiais nascidas de um grupo de pessoas que se reuniam nos círculos bíblicos para oração e para a reflexão sobre a Palavra de Deus. Daí surgiram novas comunidades, originárias desses grupos, as quais foram assumindo seu papel na paróquia, numa perspectiva de rede de comunidades.

3. UM CAMINHO

Essa proposta cabe não somente para a organização da paróquia, mas também pode ser adaptada para outros grupos, pastorais e movimentos. Por exemplo, temos, na proposta pastoral do diaconato permanente na arquidiocese de Belo Horizonte, um projeto que visa à constituição de pequenas comunidades de vivência diaconal. A ideia é que tais fraternidades diaconais congreguem diáconos, esposas e vocacionados numa forania ou cidade, reunindo-se em pequenos grupos para oração, reflexão, formação e convivência. Esse projeto foi iniciado logo após serem baixadas as regulamentações sanitárias que permitiram a saída da situação de distanciamento social, em vigor no primeiro semestre de 2020. Portanto, são várias as possibilidades que podem estar no bojo da proposta de pequenas comunidades missionárias. Por fim, fica o chamado para que cada comunidade ou grupo conheçam e discutam essa proposta e possam encontrar o caminho mais adequado para que cada realidade particular realize a evangelização da melhor maneira possível nestes tempos. O que deve ficar em relevo, sobretudo, é o desejo de não desistir nem desaminar, tendo presente que o que nos espera como Igreja que somos, peregrina nesta terra, é o encontro com a própria humanidade, para com ela anunciar o Cristo ressuscitado. O desafio final nos é dado pelo Evangelho de Lucas, que nos instiga a continuar o caminho: “Não tenha medo, pequeno rebanho, porque o Pai de vocês tem prazer em dar-lhes o Reino” (Lc 12,32). **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. *Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe (DAP)*. São Paulo: Paulus, 2008.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. Brasília, DF: CNBB, 2019.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2019.

Carlos Henrique Alves de Resende*

*Pe. Carlos Henrique Alves de Resende é sacerdote da diocese de Divinópolis-MG, doutorando em Teologia Sacramental no Pontifício Ateneu Santo Anselmo em Roma.
E-mail: carlos.henrique@diocesedivinopolis.org.br





PADRE, A GENTE SABE REZAR!

O presente artigo foi escrito durante o auge da pandemia do novo coronavírus no Brasil. Expressa a preocupação pastoral e litúrgica em tempo de isolamento social, reforça a importância de cultivar a verdadeira vida de oração na pequena comunidade – a família. Valoriza o papel do leigo e da leiga na vivência da igreja doméstica; e motiva o uso das mídias digitais como instrumento de catequese, de aprofundamento de temas da fé e “viralização” do Evangelho.

“À LUZ DA IDEIA DE QUE A ‘TEMPESTADE DESMASCARA’, TEMOS A IMPRESSÃO DE QUE MUITO DO QUE ESTAMOS VENDO, NO ESFORÇO DE CELEBRAR A FÉ NESTE CENÁRIO, ESTEJA DESMASCARANDO UMA NÃO ASSIMILAÇÃO REAL E PROFUNDA DAS INTUIÇÕES ILUMINADORAS DO CONCÍLIO VATICANO II.”

INTRODUÇÃO

Repetindo as palavras do papa Francisco, no momento extraordinário de oração em tempo de epidemia realizado no adro da basílica de São Pedro no dia 27 de março de 2020: “fomos surpreendidos por uma tempestade”. No cenário de enfrentamento à Covid-19, o isolamento social se apresentou como uma medida necessária e urgente a fim de minimizar os contágios. Do dia para a noite, fomos “jogados” no espaço virtual. Por mais que, de certo modo, isso fizesse parte da rotina de grande número de pessoas, tratava-se de uma experiência complementar, diferente do que temos vivido nos últimos tempos, com o ambiente virtual tornando-se praticamente o único espaço de encontro com as pessoas.

A vivência da fé, em certa medida, também se viu diante desse desafio. Não seriam mais possíveis os encontros celebrativos. E, tragicamente, tudo isso aconteceu bem no período mais solene de nossa vida litúrgica: as celebrações da Semana Santa, nossa Páscoa anual.

O santo padre nos dizia, naquele comovente momento de oração, que “a tempestade desmascara nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos nossos programas, nossos projetos, nossos hábitos e prioridades”. E nos exortava à “coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento nossa ânsia de onipotência e possessão, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar”.

Esse desafio tem sido enfrentado desde o primeiro momento em que nossas assembleias foram impedidas de se reunir. As iniciativas se multiplicaram, no desejo de ajudar os fiéis a sentir a proximidade da Igreja. Todas elas são louváveis, pelo esforço de tentar. Contudo, não sei se entendemos bem o convite à criatividade. Vale nos perguntarmos: o que entendemos por ser criativos? Resisti a pensar sobre o assunto e, muito mais, escrever algo a respeito. Acreditava que, no meio da tempestade, o que realmente interessava era a pergunta: como sair dela? Contudo, temos percebido que o período de turbulência está se alongando e se alongará ainda mais. Diante de algumas realidades já vistas, não resisti à tentação de pensar sobre elas. E justifico: concordo que precisamos de “remédios” que cuidem da “dor espiritual de nossa gente”; mas tenho receios, porque toda medicação tem efeitos colaterais e contraindicações – maiores ou menores.

À luz da ideia de que a “tempestade desmascara”, temos a impressão de que muito do que estamos vendo, no esforço de celebrar a fé neste cenário, esteja desmascarando uma não assimilação real e profunda das intuições iluminadoras do Concílio Vaticano II. A primeira pauta do concílio se debruçou sobre questões litúrgicas. Contudo, quando da reforma dos textos litúrgicos, sobretudo, sabemos que a grande impostação conciliar era eclesiológica e, por assim dizer, pastoral. Desse modo, antes de pensar nas questões litúrgicas, gostaria de resgatar alguns aspectos de nossa compreensão eclesial, reafirmados na escola conciliar.

1. NOSSO POVO SE CONTENTA SÓ EM VER?

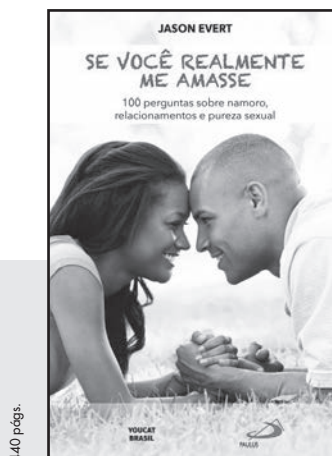
Parto de um fato: já estou para celebrar 13 anos de ministério. Logo nos primeiros meses, no entusiasmo da vida paroquial, recordo-me de uma ocasião em que fui à capela do Santíssimo em dia de adoração comunitária. Ali estava um grupo de senhoras rezando. Confesso que, no olhar de um padre novo, interessado em assuntos de liturgia, a “reza” não era a mais organizada. Ao final, tomei a iniciativa de dizer às senhoras ali reunidas que iria lhes oferecer um livreto para rezarem melhor. Uma delas, na sua simplicidade, deu-me naquela hora uma das mais importantes aulas de teologia que já tive, ao me responder: “Ô padre, a gente sabe rezar!” Não foi uma resposta mal-educada, mas bela lição dada a um jovem padre acerca de uma das significativas verdades evidenciadas pelo Concílio Vaticano II: somos um povo sacerdotal.

Será que não havíamos compreendido bem a preciosa Constituição Pastoral sobre a Igreja, chamada *Lumen Gentium*, na qual o concílio nos ensinava que somos um povo sacerdotal (LG 10)? Será que nos esquecemos de que o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciem essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um ao outro, pois um e outro participam, a seu modo, do único sacerdócio de Cristo (LG 10)?

Pode ser que não estejamos tendo em vista a profundidade do texto conciliar, quando nossos bispos nos ensinaram que “os fiéis, incorporados na Igreja pelo batismo, pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela; assim, quer pela oblação, quer pela sagrada comunhão, não indiscriminadamente, mas cada um a seu modo, todos tomam parte na ação litúrgica” (LG 11).

Se você realmente me amasse

Jason Evert



440 pág.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta tradução do inglês da obra *If You Really Loved Me*, escrita por Jason Evert, apresenta 100 das perguntas mais comuns sobre namoro, amor e o significado do sexo. Para o autor, a geração atual está preparada para um tipo de amor mais elevado do que aquele que o mundo oferece. Algumas das perguntas respondidas são: “Como encontrar um amor autêntico e verdadeiro?”; “Como cuidar do corpo?”; “Qual a opinião da Igreja sobre temas polêmicos?”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“SERÁ QUE NOS ESQUECEMOS DE QUE O SACERDÓCIO COMUM DOS FIÉIS E O SACERDÓCIO MINISTERIAL OU HIERÁRQUICO, EMBORA SE DIFERENCIEM ESSENCIALMENTE E NÃO APENAS EM GRAU, ORDENAM-SE MUTUAMENTE UM AO OUTRO?”

Diante de certas iniciativas, impõem-se algumas perguntas: será que não estamos esquecendo que os fiéis são a Igreja? O que entendemos por celebrar? O que entendemos por Eucaristia? Um rito a ser executado? Uma cerimônia a ser vista? Um alimento a ser digerido? Uma experiência mágica? Ou uma experiência ritual que se confunde com uma realidade existencial? Talvez a resposta não seja por exclusão; e esse talvez seja um dos nossos equívocos. Ao mesmo tempo que a sagrada Eucaristia é um mistério a ser celebrado, é um mistério a ser imitado. Ao mesmo tempo que é um alimento divino, é um ideal de vida que se impõe: a configuração a Cristo. Ao mesmo tempo que é um rito a ser vivido, é uma vida a ser testemunhada: a vida cristã.

Considerar um aspecto em detrimento de outros sempre pode ser uma experiência desastrosa, sobretudo neste tempo. Daí a preocupação com efeitos colaterais daquilo que temos oferecido ao nosso povo.

É preciso pensar algumas coisas: se motivamos nosso povo a simplesmente ver, pelos meios de comunicação, os atos litúrgicos, será que amanhã teremos argumentos para motivá-los à vivência comunitária novamente? Talvez, neste mundo tão individualista, descubram a comodidade de ver de casa e julguem ter o mesmo efeito. E sabemos que não tem. Será que motivá-los a serem meros espectadores seria o remédio mais eficaz? Pode ser que acabem por se sentirem “detentores do controle remoto” e reivindiquem o poder de escolher o que ver, sem nenhum compromisso de conversão, sem nenhum vínculo de comunidade. Se a Eucaristia gera a Igreja, pode ser que

venhamos a ter uma série de problemas com algumas das nossas ofertas, que talvez não contribuam para a edificação do Corpo de Cristo.

2. AFINAL, O QUE É EUCARISTIA?

Serão as práticas de devoção à Santíssima Eucaristia, como carreatas ou até voos com o Santíssimo, as melhores propostas? Serão as propostas de oferecer aos fiéis a possibilidade da sagrada comunhão eucarística fora da missa ou, ao menos, de pequena celebração da Palavra de Deus alternativas salutareis? Algumas práticas devocionais de culto aos santos serão realmente as mais indicadas para o momento? São questionamentos, não críticas. São perguntas que parecem não ter respostas prontas hoje. Por isso vale, antes de qualquer iniciativa, por mais bem-intencionada que seja, a pergunta pela legitimidade teológico-litúrgica do que nos propomos fazer. Ao contrário do que muitos dizem, “liturgia não é terra de ninguém”. Liturgia é oração de Cristo total, cabeça e membros, é a oração da Igreja (SC 7). Vale visitar a Tradição e perceber se o que estamos propondo tem sadio fundamento.

Devemos considerar o perigo da linguagem. Muitos colocaram nas portas das igrejas cartazes do tipo: “Não teremos missa” ou até divulgaram: “As missas estão suspensas”; e ainda vimos expressões como “missas privadas”, “missas sem a presença de fiéis”, “missas *on-line*”. Parece que, no fundo, ainda existem algumas compreensões pré-conciliares: “ter missa”, “assistir à missa”, “receber a comunhão”, “tomar a comunhão”. O conceito de Eucaristia, aí, parece sempre apontar para o exterior,

para algo “fora” de nós a que assistimos ou que, de alguma forma, obtemos e do qual nos apossamos, como se fôssemos frequentadores de teatro ou consumidores, mas não para algo que somos chamados a viver e a nos tornar. Será que foi isso que a Tradição genuína da Igreja nos ensinou? Será que, desconsiderando a fundamentação bíblico-teológica do sacramento, não estamos minimizando sua grandeza?

Não podemos esquecer que, quando celebramos a sagrada Eucaristia, acima de tudo nos reunimos como um povo, o povo de Deus (LG 5). É o mistério de um corpo que reúne seus membros para alimentar-se, a fim de se tornar mais plenamente aquilo que é: um corpo. A assembleia que se forma é um sacramento; é o primeiro sinal, não é predeterminada ou selecionada, mas convocada pelo Espírito: essa é a primeira matéria para celebrar. É preciso o povo convocado – essa é exatamente a primeira rubrica do Missal Romano para a celebração eucarística. Povo esse que se reúne em torno dos sinais do pão e do vinho para ouvir e meditar a Palavra e clamar ao Espírito que nos faça ser Corpo, assim como fez que o pão e o vinho o fossem (EE 23).

3. TEMOS UM CAMINHO SEGURO!

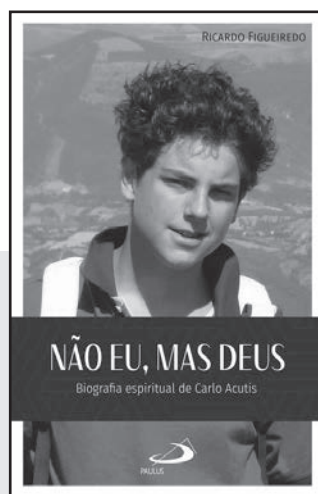
A Tradição da Igreja se firma sobre os pilares da *lex orandi, lex credendi, lex vivendi*. O modo como rezamos determina o modo como cremos e vivemos. Por isso, o cuidado e a preocupação que devemos ter com o modo como rezamos. A liturgia é grande escola de fé. Salvatore Marsili, em sua ativa participação no movimento litúrgico, já recordava que liturgia é teologia. Ou seja, o que fazemos e o modo como fazemos expressam e ensinam uma verdade de fé.

Muito tem se questionado se algumas das iniciativas vistas durante a pandemia

Não eu, mas Deus

Biografia espiritual de Carlo Acutis

Ricardo Figueiredo



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra, escrita por um sacerdote português, conta a história de Carlo Acutis, beatificado em outubro deste ano. A Igreja, através do Papa Francisco, reconhece que o jovem Carlo Acutis, apesar de ter vivido apenas até os 15 anos, praticou as virtudes cristãs de modo heroico, o que permite que seu processo de beatificação dê mais um passo até a reconhecida aprovação pública do seu culto.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“TALVEZ, COMO NUNCA, TENHAMOS HOJE A OPORTUNIDADE DE USAR AS MÍDIAS COMO INSTRUMENTO DE CATEQUESE, DE APROFUNDAMENTO DE TEMAS E MESMO DE ‘VIRALIZAÇÃO’ DO EVANGELHO ANUNCIADO E, SOBRETUDO, TESTEMUNHADO.”

realmente buscam o consolo dos fiéis. Será que não visam simplesmente à manutenção da estrutura? O que é curioso, pois nestes tempos se fala justamente da necessidade de renovar a estrutura. Parece que não vai funcionar bem transferir para o mundo virtual algumas experiências que já vimos fracassar no mundo real. Será que não estamos diante de uma teologia eucarística rasa, fragmentada, travestida de preocupação de cuidado?

Desde o início da pandemia, o papa Francisco tem pedido aos pastores proximidade com os fiéis. Em uma entrevista telefônica ao jornal *La Repubblica*, publicada na quarta-feira, 18 de março, ele sublinhava a necessidade de, durante o período de isolamento, procurar “uma nova forma de nos aproximarmos uns dos outros, numa relação concreta tecida de atenção e de paciência”.

Na Igreja no Brasil, temos uma grande luz. Logo no objetivo geral das *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora* (DGAE), nossos bispos nos convocavam a

evangelizar no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em *comunidades eclesiais missionárias*, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude.

Logo, seria uma proposta oportuna, para este momento de incertezas, considerar o que já nos havia sido indicado por nossos bispos: “A casa, enquanto espaço familiar, um dos lugares privilegiados para o encon-

tro e o diálogo de Jesus e seus seguidores com diversas pessoas (Mc 1,29; 2,15; 3,20; 5,38; 7,24)” (DGAE 73).

Talvez seja o tempo para cultivar, na pequena comunidade – a família, com os vizinhos –, verdadeira vida de oração, enraizada na Palavra de Deus, tendo em Jesus Cristo, o orante por excelência, e na Oração do Senhor, paradigma de toda oração, o verdadeiro sustento. Pela oração cotidiana, os membros da comunidade se sentem consolados, redescobrem sua dignidade de filhos e filhas de Deus, tomam consciência de que são colaboradores de Deus na missão e são impelidos a sair ao encontro das pessoas e a praticar a misericórdia (DGAE 95).

4. REDESCOBRINDO UM TESOURO

O momento nos desafia a corajosamente ajudar nosso povo a viver o mistério da presença real de Jesus Cristo que o Concílio Vaticano II já protagonizava: “O Senhor está presente na sua palavra, pois é ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, ele que prometeu: ‘Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles’ (Mt 18,20)” (SC 7). Nesse cenário, não seria, pois, oportuno valorizar e oferecer pistas para as celebrações da Palavra em família como uma proposta mais segura? Não poderíamos usar as mídias para orientar a leitura orante da Palavra de Deus?

O concílio já nos advertia que a liturgia é, simultaneamente, a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força (SC 10), mas não esgota toda a ação da Igreja (SC 9).

O TESOURO DA ESPIRITUALIDADE E DOS MÍSTICOS

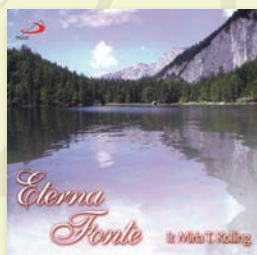
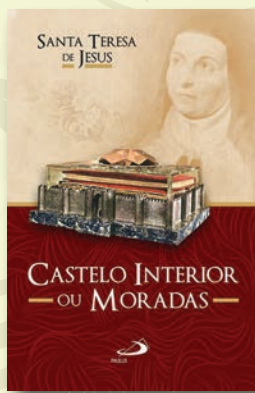
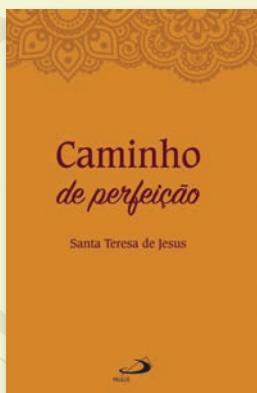
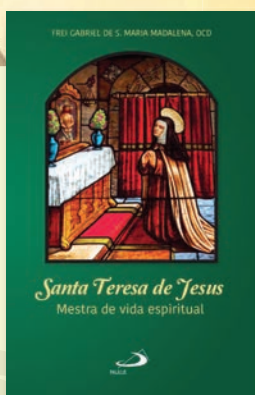
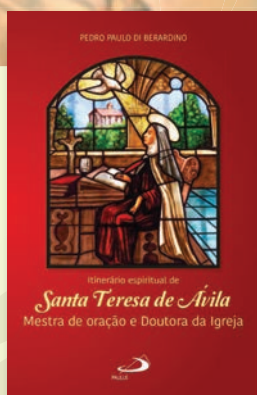
O Espírito Santo suscitou, ao longo dos séculos, numerosos místicos e mestres de oração, em tradição ininterrupta, que são um tesouro de valor inestimável para a Igreja.



SANTA TERESA D'ÁVILA,

MÍSTICA E DOUTORA DA IGREJA

*"Nada te perturbe, nada te espante,
Tudo passa, Deus não muda,
A paciência tudo alcança;
Quem a Deus tem, nada lhe falta:
Só Deus basta."*



DISPONÍVEL
TAMBÉM
EM E-BOOK



CD INSPIRADO NA VIDA
E OBRA DE SANTA
TERESA D'ÁVILA

SÃO JOÃO DA CRUZ,

MÍSTICO E DOUTOR DA IGREJA

*"Em noite tão ditosa, e num segredo em que ninguém me via,
Nem eu olhava coisa, sem outra luz nem guia
Além da que no coração me ardia."*



SANTA CATARINA DE SENA,

MÍSTICA E DOUTORA DA IGREJA

*"Jovens, se fordes aquilo que Deus quer,
colocareis fogo no mundo."*

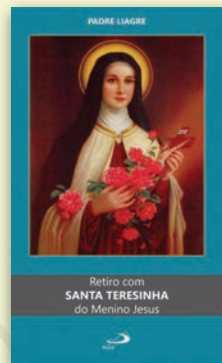
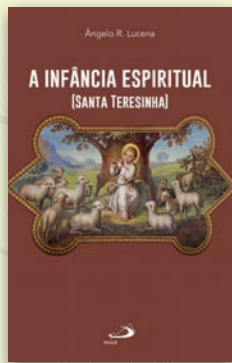
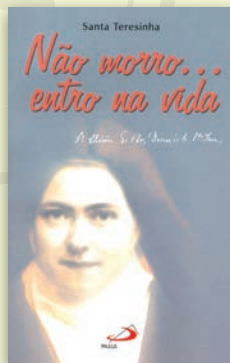


DISPONÍVEL
TAMBÉM
EM E-BOOK

SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS,

MÍSTICA E DOUTORA DA IGREJA

"Para mim, a oração é um impulso do coração, um simples olhar dirigido para o céu, um grito de agradecimento e de amor, tanto do meio do sofrimento como do meio da alegria. Em uma palavra, é algo grande, algo sobrenatural que me dilata a alma e me une a Jesus."



DISPONÍVEL
TAMBÉM
EM E-BOOK

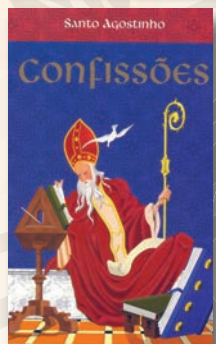
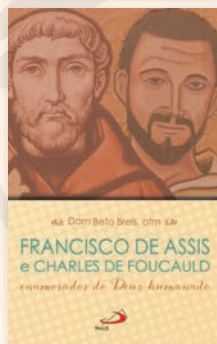
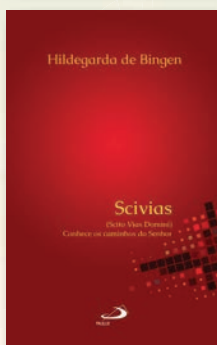
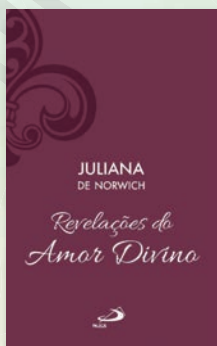
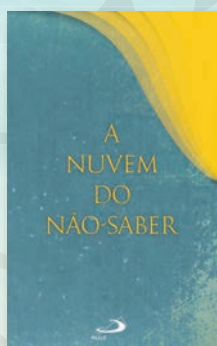


DISPONÍVEL
TAMBÉM
EM E-BOOK



CD INSPIRADO NA VIDA E
OBRA DE **SANTA TERESINHA**
DO MENINO JESUS

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS SOBRE O CAMINHO DE ESPIRITUALIDADE E ORAÇÃO DOS SANTOS



DISPONÍVEL
TAMBÉM
EM E-BOOK



DISPONÍVEL
TAMBÉM
EM E-BOOK

Não seria um caminho pensar a liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo, em que os sinais sensíveis significam e – cada um à sua maneira – realizam a santificação dos homens (SC 7)? Desse modo, não seria salutar perceber que, embora os templos estejam fechados, a liturgia é celebrada como desdobramento de um mistério que exige consequências na vida de quem crê?

Temos diante de nós o desafio de uma Igreja que ultrapassa as paredes do templo e se faz *pobre para os pobres* (EG 198). Talvez não seja a hora de, com coragem profética, a Igreja assumir alguns gestos e se fazer mais próxima dos pobres, mas também, ao mesmo tempo, daqueles que detêm os “meios de produção”, para serenar-lhes o coração e ajudá-los a fazer uma experiência de fé que os leve a um cuidado maior com os irmãos, de modo que se sintam chamados a abrir mão de algumas seguranças econômicas, as quais poderão ser reconstruídas?

Muitos ainda têm dúvida acerca do que vem primeiro: a vida ou a economia. Não seria o tempo de gastarmos nossas forças e recursos no cuidado das pessoas? Não seria um caminho propício favorecer iniciativas que promovam a vida solidária e a proximidade com os que sofrem? Mesmo nas “missas transmitidas”, não precisaríamos superar a mera assistência/audiência, a mera transmissão e o mero individualismo em rede? Não seria preciso buscar formas que permitam *verdadeiro encontro*, *verdadeira escuta* e *verdadeiro diálogo* com as pessoas que se conectam com as redes digitais da Igreja? Não seria importante provocar os fiéis a viver este momento como um momento intenso de cultivo da espiritualidade, mas sem atribuir-lhe um valor substitutivo?

Precisaríamos cuidar mais da forma da celebração a ser transmitida; ela é sempre

Um “santo” surfista

O servo de Deus Guido Schäffer

Ricardo Figueiredo



136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra, escrita por um sacerdote português, conta a história de Guido Schäffer, médico e surfista brasileiro. Apesar do pouco tempo de vida, Guido experimentou a fé de forma intensa, a ponto de ser reconhecido pela Igreja como servo de Deus, ou seja, ter seu processo de canonização aberto. O rapaz pode se tornar o primeiro santo carioca e o seu testemunho tem muito a contribuir com uma juventude que aparenta ter perdido o gosto pela vida.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“ação de toda a Igreja” (IGMR 5). Será que basta apenas levar em conta a *transmissão*, sem se preocupar com o modelo apresentado? Talvez não estejamos bem atentos ao Missal Romano, que prevê três possibilidades para a celebração: a “missa com povo”, a “missa concelebrada” e a “missa com assistência de um só ministro” (IGMR 252). Portanto, no contexto em que estamos, a Igreja propõe a celebração desta última, entendida, de acordo com as IGMR, como a “missa celebrada por um sacerdote, ao qual assiste e responde um só ministro” (n. 252), mas agora transmitida pelas mídias (as IGMR também deixam bem claro: “*Não se celebre sem a assistência de um ministro ou ao menos de algum fiel, a não ser por causa justa e razoável*”, n. 254). Tenha-se claro, porém, que a oração do presbítero, ainda que com um só ministro e mesmo em casos de justa causa, em que ele se veja obrigado a rezar sozinho, será sempre a oração de toda a Igreja; portanto, a oração de todo o povo, em comunhão com todo o povo. Não seria viável, onde possível, que, em vez de cada padre transmitir sua missa, se reunissem pequenos grupos de presbíteros para fazê-lo? Não seria mais pedagógico? Não seria mais testemunhal?

Reapresentar o Ofício Divino não poderia ser grande possibilidade para celebrar a fé, como oração pública da Igreja, fonte de piedade e alimento da oração pessoal (SC 90)?

5. NÃO BASTA SÓ FAZER ALGO, É HORA DE PENSAR NO QUE BUSCAMOS

Não sabemos por quanto tempo a situação vai perdurar. O certo é que cabe fazer deste tempo uma ocasião que nos ajude a voltarmos mais qualificados para nossas assembleias litúrgicas. Por isso, apresenta-se o desafio de não deixar nossas iniciativas

serem conduzidas pela vaidade ou por uma teologia rasa. Talvez, como nunca, tenhamos hoje a oportunidade de usar as mídias como instrumento de catequese, de aprofundamento de temas e mesmo de “viralização” do Evangelho anunciado e, sobretudo, testemunhado. Quem sabe não seja a hora de apresentar a riqueza humana e espiritual de nossa Igreja, por meio dos trabalhos de tantos grupos e pastorais?

Como já aconteceu em outros períodos históricos, provisoriamente nosso povo vive grande “jejum da comunhão eucarística”. Não estamos, entretanto, privados da comunhão com o Senhor. Seu Corpo santo nos convoca. Não só na “branca hóstia” – com a qual os fiéis estão, de modo geral, agora impedidos de se encontrar –, mas também na força de sua Palavra e no irmão que nos estende a mão e precisa, mais do que nunca, de nosso cuidado solidário.

São João Paulo II nos recordava:

o mistério eucarístico – sacrifício, presença, banquete – não permite reduções nem instrumentalizações; há de ser vivido na sua integridade, quer na celebração, quer no colóquio íntimo com Jesus recebido na comunhão. Então a Igreja fica solidamente edificada, e exprime-se o que ela é verdadeiramente: una, santa, católica e apostólica; povo, templo e família de Deus; corpo e esposa de Cristo, animada pelo Espírito Santo; sacramento universal de salvação e comunhão hierarquicamente organizada (EE 61).

Não podemos perder a sensibilidade para o fato de que nosso povo sabe rezar. Não precisamos fazer para os fiéis simplesmente verem. Talvez seja mais eficaz ajudá-los, com pistas, com provocações, a celebrar e viver a força do mistério celebrado na igreja doméstica, ou seja, em sua família.

São perguntas... Perguntas que não desejam diminuir ou desqualificar o esforço de ninguém, e sim provocar a reflexão, para que este tempo seja oportunidade de crescimento, seja verdadeiramente uma oportunidade pascal. Um tempo que nos ajude a dar passos na tão sonhada “conversão pastoral”.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*: sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html>. Acesso em: 1 jul. 2020.

BUGNINI, A. *La riforma liturgica*. 2 ed. Roma: CLV/Edizioni Liturgiche, 1997.

CNBB. *Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. Brasília, DF: CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, n. 109).

GRILLO, A. Liturgia, exercício do sacerdócio de Cristo, cabeça e membros, na SC e nos demais documentos do Concílio Vaticano II. In: CNBB. *Liturgia, exercício do sacerdócio de Cristo, cabeça e membros*. Brasília, DF: CNBB, 2014. p. 8-25.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*: sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja (EE). Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/special_features/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_ecclesia_eucharistia_po.html>. Acesso em: 1 jul. 2020.

TABORDA, F. Fazei isto em meu memorial: a Eucaristia como sacramento da unidade. In: CNBB. *A Eucaristia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 42-87.

Madre Teresa

Uma santa para os ateus e para os casados

Raniero Cantalamessa



72 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Fruto das pregações realizadas pelo frei Cantalamessa na Casa Pontifícia em 2003, este livro se oferece como um verdadeiro acompanhamento ao conhecimento do mistério do sofrimento espiritual que Madre Teresa viveu durante toda a sua vida, e que só seria levado a público nos últimos anos. A santa de Calcutá viveu, de fato, a experiência da “noite escura da alma”, inserindo-se, assim, entre as grandes figuras da mística cristã de todos os tempos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



ROTEIROS HOMILÉTICOS

Francisco Cornélio Freire Rodrigues*

TODOS OS SANTOS

1º de novembro

Santidade: a vocação da humanidade

I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade deste dia recorda que a santidade é a verdadeira vocação da humanidade e, por isso, é acessível a todas as pessoas. O caminho para alcançá-la consiste em viver o programa de vida de Jesus, expresso nas bem-aventuranças (Evangelho). Criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,2), o ser humano é chamado a assemelhar-se a ele também na santidade (Lv 19,2). Dirigido inicialmente a um povo específico, Israel, esse chamado foi estendido a toda a humanidade por Jesus Cristo. Por isso, nesta liturgia rendemos graças a Deus pela multidão incontável de homens e mulheres, de todas as nações da terra, que já alcançaram o Reino definitivo (1ª leitura) e renovamos a esperança de também alcançarmos tal graça, não obstante as tribulações do presente. Isso nos enche de alegria e esperança, pois mostra que a santidade não é reservada a heróis ou fazedores de milagres, mas está ao alcance de todas as pessoas, pois é o destino

da humanidade. Por isso, como recorda o papa Francisco, ao falar de santos e santas, “não pensemos apenas em quantos já estão beatificados ou canonizados” (*Gaudete et Exsultate*, n. 6), mas vejamos a santidade já agora, no povo simples e humilde que se esforça cotidianamente para viver, com dignidade e esperança, num mundo desafiador. De fato, pelo dom de sermos filhos e filhas de Deus (2ª leitura), podemos dizer que a santidade já está em nós.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Ap 7,2-4.9-14

A primeira leitura é tirada do Apocalipse de São João, o último livro do Novo Testamento, escrito entre o final do primeiro século e o início do segundo. É obra de um profeta cristão, herdeiro de tradições ligadas ao apóstolo João, cujo nome adotou como pseudônimo (Ap 1,2). O nome Apocalipse não tem relação com tragédias ou catástrofes, como às vezes se pensa. Significa “revelação”: tirar o véu que encobre uma realidade para torná-la conhecida com o uso de linguagem simbólica, como é típico do gênero literário apocalíptico. Trata-se de um livro de resistência e esperança, escrito para animar as comunidades cristãs da Ásia

*Pe. Francisco Cornélio Freire Rodrigues é presbítero da diocese de Mossoró-RN. Possui mestrado em Teologia Bíblica pela Pontificia Università San Tommaso D'Aquino – Angelicum (Roma). É licenciado em Filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia – Insaf (Recife) e bacharel em Teologia pelo Ateneo Pontificio Regina Apostolorum (Roma). É professor de Antigo e Novo Testamentos na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (Mossoró-RN). E-mail: francornelio@gmail.com



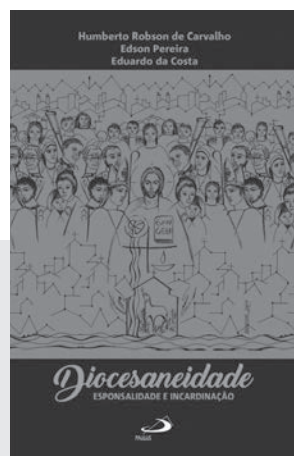
Menor, vítimas da cruel perseguição do imperador romano Domiciano. Fazendo uso intenso de imagens e símbolos, o autor transmite esperança aos cristãos e, ao mesmo tempo, denuncia a crueldade do poder opressor.

Inserido na seção dos “sete selos” (6,1-8,1), o texto da leitura oferece uma imagem esplêndida, que descreve a vitória final de quem persevera na fidelidade ao Senhor, apesar das muitas tribulações que se apresentam aos cristãos enquanto vivem neste mundo. Num primeiro momento, o texto se refere à situação dos cristãos na vida presente (vv. 2-3): são chamados de servos e se encontram em plena provação, ameaçados por forças destruidoras, mas possuem uma marca que lhes garante força e resistência. A marca na fronte é um selo que representa o batismo cristão, imagem muito utilizada pela Igreja primitiva; simboliza a força do Espírito Santo, transmitida no batismo, e o jeito de ser cristão no mundo. Inicialmente, o número dos marcados ou eleitos é contável, embora seja uma quantidade muito alta: 144 mil (v. 4). Esse número simboliza a plenitude do povo de Israel ($144 \text{ mil} = 12 \times 12 \times 1.000$); os remanescentes da Antiga Aliança, incluindo a grande maioria dos primeiros cristãos, são os primeiros beneficiados pela obra redentora de Cristo e, por isso, contados entre os eleitos, como prova da fidelidade de Deus às suas promessas.

Uma nova visão contempla a realidade celeste em forma de ação litúrgica (vv. 9-14): uma multidão incontável de eleitos, gente de todos os povos da terra, de todas as culturas, trajando vestes brancas e trazendo palmas nas mãos, diante do trono e do Cordeiro. É a fraternidade universal consumada em Cristo, pois toda a humanidade é contemplada pela sua obra de salvação. As vestes brancas (v. 9.13-14),

Diocesaneidade, sponsalidade e incardinação

Vv.Aa.



136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Na obra, os autores apresentam uma abordagem sobre o caráter relacional entre Jesus, o presbítero e a Igreja, que define e configura a pessoa e o ministério do padre. Os autores traduzem essa relação no âmbito da diocesaneidade – a pertença e o amor que o presbítero manifesta à sua diocese –, da sponsalidade – o mergulho no amor a Cristo e à Igreja – e da incardinação – o lugar do presbítero no coração da Igreja.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



paradoxalmente lavadas no sangue do Cordeiro, significam a vida nova conferida pelo batismo, marcada pela alegria e pureza; é a configuração a Cristo. As palmas significam a vitória (v. 9): quem passa pela tribulação e resiste é vitorioso. A grande tribulação significa as dificuldades que os cristãos enfrentam para pôr em prática o programa das bem-aventuranças, e o sangue do Cordeiro sintetiza a obra redentora de Cristo, cujo ápice é sua paixão, morte e ressurreição, da qual participamos pelo batismo (v. 14).

A imagem predominante no texto é uma ação litúrgica celeste, cuja assembleia, formada pela multidão de eleitos, louva a Deus por poder contemplá-lo definitivamente e por ter sentido a sua presença quando ainda padecia em meio às provações do mundo.

2. II leitura: 1Jo 3,1-3

A primeira carta de João, da qual é tirada a segunda leitura, é mais uma reflexão teológica em forma de homilia do que uma carta propriamente dita. De fato, de todos os escritos do Novo Testamento classificados como epístolas, esse é um dos que têm menos características do gênero epistolar. A data e os destinatários primeiros não são conhecidos com exatidão; é certo, no entanto, que é um escrito posterior ao Quarto Evangelho e dirigido a grupos cristãos que já conheciam o referido Evangelho, provavelmente de comunidades da Ásia Menor, onde surgiam ideias e doutrinas que ameaçavam a unidade da fé cristã. Em algumas passagens, parece funcionar como aprofundamento de temas que não ficaram muito claros no Evangelho, como o trecho lido hoje, que trata da filiação divina.

O texto começa com uma notícia que deve ser motivo de alegria para todos: o amor de Deus é tão grande, que nos deu

o direito de sermos seus filhos e vivermos como tais ainda nesta vida (v. 1-2). A condição de filhos exige correspondente coerência de vida, que consiste em assemelhar-se ao Pai, principalmente no jeito de amar. Ainda neste mundo, os cristãos devem refletir na própria vida a semelhança com Deus, cujo parâmetro é o próprio Jesus, o Filho. A santidade é isso. O que, porém, ainda é parcial só se tornará pleno quando Jesus se manifestar definitivamente na parusia. Naquele momento, a semelhança com ele será plena e seremos puros como ele mesmo é (v. 3). Como resposta ao amor recebido, devemos nos esforçar para nos assemelharmos a ele o máximo possível ainda neste mundo, vivendo e amando à sua maneira.

3. Evangelho: Mt 5,1-12a

A liturgia nos propõe a leitura das bem-aventuranças do Evangelho de Mateus. Esse texto, que introduz o discurso da montanha (Mt 5-7), é considerado o coração do Evangelho de Mateus e o núcleo essencial de todo o ensinamento de Jesus. Na verdade, mais do que um ensinamento, as bem-aventuranças são uma síntese da vida de Jesus, pois as situações que ele apresenta como causa de felicidade são aquelas que ele mesmo experimentou e viveu. Por isso, as bem-aventuranças não são uma doutrina, mas um programa de vida; descrevem a maneira de viver de Jesus e o que ele propõe aos cristãos e cristãs de todos os tempos como ideal de vida.

Encantador do ponto de vista estético, esse é um texto desafiador, porque convida os cristãos a adotar um estilo de vida que contraria o que muitas sociedades estabelecera como critérios de felicidade e bem-estar, como o acúmulo de bens, a vida cômoda e o prestígio social. Jesus anuncia que são felizes aquelas pessoas que



eram tratadas como infelizes e desgraçadas. Por isso, trata-se de mensagem altamente revolucionária e de consequências transformadoras, cujo resultado é a construção de um mundo ao revés da ordem estabelecida. À medida que esse ideal de vida é assimilado pelas pessoas, o Reino dos céus (Reino de Deus) se manifesta neste mundo e as estruturas de pecado são desmascaradas.

Como o espaço aqui não é suficiente para comentar e refletir sobre cada uma das bem-aventuranças, optamos por considerá-las em seu conjunto. Elas constituem um caminho de oito etapas (v. 1-10), cuja meta é a santidade, ou seja, a configuração a Jesus. Encontramos então oito bem-aventuranças, embora alguns estudiosos considerem nove, em virtude de a expressão “bem-aventuranças” (em grego, *makarioi*) aparecer nove vezes no texto. De acordo com a maioria dos exegetas, porém, a nona ocorrência (v. 11) já não é uma nova bem-aventurança, mas uma recapitulação e consequência das oito anteriores: quem percorre o caminho de santidade proposto por Jesus nas bem-aventuranças será, inevitavelmente, perseguido. A perseguição é, portanto, o critério de verificação da fidelidade a Jesus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ressaltar a solenidade de hoje como motivo de alegria e esperança para toda a humanidade. Mais do que a recordação dos méritos na vida dos santos e santas – o que é importante, pois são exemplos concretos de adesão e fidelidade aos propósitos de Deus –, essa festa é uma declaração solene de que a vivência do Evangelho de Jesus é viável. Recordar que fomos marcados por Deus, tanto pela condição de sermos sua imagem e semelhança quanto pelo privilégio de sermos seus filhos pelo

Atos Apócrifos de André

Jonas Machado



88 págs.

Ilustrações meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Embora oficialmente rejeitados, os Atos de André, datados do século II, ilustram como certos grupos cristãos antigos pensavam e viviam a sua fé. Como fonte de estudo, nos desafiam a uma melhor avaliação da história do cristianismo das origens, percebendo o quanto essa história, como a concebemos, é reducionista e parcial, uma vez que nos foi contada de uma perspectiva posterior, aquela das relações da Igreja cristã com os poderes imperiais.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



batismo. É necessário, no entanto, manifestar a marca de Deus em nós com o testemunho cotidiano do seu amor, pondo em prática o programa das bem-aventuranças. A imagem esplêndida da liturgia celestial (1ª leitura) encoraje os cristãos e cristãs de nossos tempos a perseverar na prática das bem-aventuranças com fidelidade, mesmo diante das inúmeras tribulações que os tempos atuais apresentam.

**O roteiro de Finados encontra-se no site:
www.vidapastoral.com.br**

32º DOMINGO DO TEMPO COMUM
8 de novembro

Vigiar com sabedoria e esperança

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tema central desta liturgia é a vigilância. Aliás, esse é o tema predominante em toda a fase conclusiva do ano litúrgico, a qual já estamos vivenciando. Sabendo que o Senhor virá, devemos nos preparar bem para recebê-lo com sabedoria e prudência. É importante, no entanto, que essa preparação não seja ocasional, até porque ninguém sabe qual será o dia ou a hora. Logo, a preparação deve fazer parte do cotidiano de todas as pessoas, e é o próprio Deus quem oferece à humanidade os meios necessários, como o dom da sabedoria, acessível em todos os momentos e em todos os lugares; a única exigência para recebê-la é o desejo de possuí-la, trazendo como primeiro fruto a prudência (1ª leitura). Vigia bem quem tem esperança – e nós, cristãos, a temos – e não alimenta preocupações desnecessárias (2ª leitura). Enfim, a verdadeira vigilância consiste em ser previdente, mantendo aceso o programa de vida de Jesus, expresso nas bem-aventuranças e representado nesta liturgia pelo óleo das jovens previdentes (Evangelho).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. 1ª leitura: Sb 6,12-16

A primeira leitura é tirada do livro da Sabedoria (obra atribuída ao rei Salomão mediante o fenômeno literário da pseudonímia), cujo autor real foi um sábio judeu, profundo conhecedor da cultura grega e das tradições judaicas, que viveu na cidade de Alexandria do Egito. Trata-se do último livro do Antigo Testamento a ser escrito, provavelmente já no final do séc. I a.C., numa época de grande influência da cultura grega sobre as novas gerações de judeus. Os valores e tradições de Israel, incluindo a fé monoteísta, corriam sérios riscos de desaparecer, diante do fascínio que o pensamento grego provocava nas pessoas, sobretudo na juventude. A atribuição da autoria a Salomão foi feita para conferir prestígio e autoridade à obra.

Na Bíblia, sabedoria é, acima de tudo, a arte de viver bem – nisso consiste a felicidade – e depende essencialmente da reflexão e observância da Lei, enquanto expressão da vontade de Deus. Para tornar esse ensinamento mais atrativo, o autor descreve a sabedoria de maneira inovadora, utilizando até mesmo categorias do pensamento grego.

O trecho lido neste domingo pertence à segunda parte da obra (Sb 6-9), considerada o coração do livro. Nele, o autor apresenta a sabedoria como algo belo e atrativo, que se deixa encontrar facilmente por aqueles que a buscam. Com isso, ele contrapõe-se à mentalidade grega – que concebia o acesso à sabedoria como resultado de árdua atividade do intelecto – e ao pensamento conservador de Israel, que condicionava a aquisição da sabedoria aos anos vividos, ou seja, à experiência de vida, o que só se alcançava em grau satisfatório na velhice. Temos, portanto, uma perspectiva inovadora. As duas primeiras imagens empregadas para descrever a sa-



bedoria são qualidades da luz e de uma planta que não seca (v. 12) – o que evoca atração e beleza – e a facilidade de encontrar. Temos, assim, logo no início, um ensinamento muito importante: é preciso amar e desejar a sabedoria, para obtê-la, mas ela permanece sempre como dom de Deus, de modo que é ela mesma quem se oferece (v. 13).

A sequência do texto é apenas confirmação do que se diz no início (v. 14.16): é necessário que o ser humano deseje constantemente a sabedoria, pois dela depende a boa condução da vida; e ela não está distante: basta desejá-la para obtê-la, uma vez que está em todo lugar – na porta da casa e até nas estradas. O encontro com ela, no entanto, não é mérito humano, mas dom de Deus, o qual não decepçiona aqueles que a buscam. Tendo encontrado a sabedoria, o ser humano é chamado a meditar e refletir sobre ela, para alcançar a perfeição da prudência (v. 15), o seu primeiro fruto. Este o principal ponto de encontro da leitura com a sequência da liturgia deste dia: a prudência como virtude que torna o ser humano vigilante na sua relação com Deus, atento aos sinais dos tempos e acontecimentos da história. Por isso, a busca pela sabedoria é indispensável, de modo que desejá-la é desejar o próprio Deus.

2. II leitura: 1Ts 4,13-18

A liturgia retoma a leitura da primeira carta aos Tessalonicenses, iniciada há alguns domingos e interrompida no domingo passado, para a solenidade de Todos os Santos. Até então, tivemos a oportunidade de ler somente os aspectos introdutórios desse que é o escrito mais antigo do Novo Testamento, cuja redação se deu provavelmente no ano 51 d.C., quando Paulo se encontrava em Corinto. O texto lido nesta liturgia já faz parte da seção doutrinal da

carta e, por sinal, aborda um tema bastante delicado, gerador de muitas dúvidas e incompreensões nos tessalonicenses, o qual Paulo procurou esclarecer: a parusia, ou seja, a segunda vinda do Senhor e suas consequências para os cristãos vivos e mortos.

A pregação sobre a segunda vinda do Senhor suscitou muitas inquietações nas primeiras comunidades cristãs, e em Tessalônica parece que a situação se tornou ainda mais preocupante, pelo menos entre as comunidades evangelizadas por Paulo. Eram frequentes as perguntas sobre quando aconteceria, como seria e quais os desdobramentos desse evento. Na falta de respostas concretas, muitos o imaginavam à sua maneira e espalhavam suas concepções. Circulava a ideia de que a vinda do Senhor seria imediata, e aqueles que esperavam estar vivos no momento se preocupavam com os familiares e amigos cristãos que já tinham morrido, com medo de que não fossem beneficiados pelo retorno do Senhor (v. 15). Paulo os tranquiliza, ensinando que aqueles que morreram antes serão os primeiros a ressuscitar com Cristo (v. 16). Após o resgate dos que morreram é que os vivos serão arrebatados com eles para os céus, de modo que o encontro definitivo com o Senhor será igual para todos (v. 17).

Portanto, Paulo recomenda que não devemos alimentar preocupações desnecessárias. Para quem tem esperança – e nós temos –, é suficiente a certeza de que Cristo ressuscitou e, por isso, ressuscitaremos com ele (v. 13-14). Logo, devemos esperar seu retorno definitivo, vivendo o que Jesus viveu e ensinou. Ser vigilante é, acima de tudo, viver à maneira de Jesus, expressão máxima da sabedoria de Deus.

3. Evangelho: Mt 25,1-13

O Evangelho deste e dos dois próximos domingos é tirado do “discurso



escatológico” (Mt 24-25), o último dos cinco grandes discursos que Mateus atribui a Jesus em seu Evangelho, escrito para encorajar os cristãos da sua comunidade diante das situações de perseguições, incertezas, desânimo e diminuição do fervor na vivência da fé. Diante disso, o evangelista pede uma atitude de vigilância, recordando palavras do próprio Jesus, que garantiu voltar, sem revelar nem o dia nem a hora. É exatamente por isso que a comunidade deve vigiar sempre, para não ser surpreendida, como ensina a parábola de hoje.

Para compreender bem a parábola, é necessário entender como era realizada uma festa de casamento conforme os costumes do povo judeu no tempo de Jesus. Após a fase da promessa, que durava um ano, o casamento era festejado e consumado. No dia marcado, o noivo ia com seus amigos até a casa da noiva. Em sua casa, a noiva reunia suas melhores amigas para esperar o noivo, e elas deveriam levar lâmpadas.

Após a chegada do noivo, a noiva se despedia dos seus pais, deixava sua casa e ia para a casa do noivo, ao seu lado, onde acontecia a festa. Formava-se, assim, o cortejo nupcial da casa da noiva para a casa do noivo, onde acontecia o banquete. Esse rito acontecia sempre à noite, de modo que o cortejo era iluminado pelas lâmpadas que as amigas da noiva levavam. Sem essa explicação, o sentido da parábola passaria despercebido.

O noivo da parábola é Jesus, e a noiva é a comunidade cristã. Também as dez jovens representam a comunidade, com a diversidade cultural e ministerial que a compõe. A diferença de postura das jovens – previdentes e imprevidentes – é um alerta sobre o risco de viver a fé com superficialidade. Sobre o significado do óleo, há uma pluralidade de hipóteses,

como as boas obras, os carismas pessoais, os dons do Espírito Santo. É inegável que se trata de algo essencial – pois quem não o tem fica fora do banquete e, portanto, do Reino – e, ao mesmo tempo, pessoal e intransferível. Considerando o conjunto do Evangelho de Mateus, o mais provável é que o óleo signifique as bem-aventuranças, como a carta de identidade do discipulado e critério de pertença a Jesus e seu Reino.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

É importante recordar o espírito de vigilância como uma necessidade para a vida cristã, sem, no entanto, provocar medo nas pessoas. Chamar a atenção para que preocupações desnecessárias não atrapalhem o que é essencial na vida cristã. Evidenciar a relação entre as leituras, incluindo o salmo, cujo refrão é muito significativo para alimentar a vigilância como desejo de Deus. Diante das escolhas que devem ser feitas ao longo da vida, é importante sabedoria e prudência para escolher o que é edificante para a implantação do Reino de Deus entre nós.

33º DOMINGO DO TEMPO COMUM

15 de novembro

Vigiar é fazer
crescer os dons de Deus

I. INTRODUÇÃO GERAL

Chegamos ao penúltimo domingo do ano litúrgico, e o tema em evidência continua a ser a vigilância, apresentada nesta liturgia como empenho e responsabilidade de viver constantemente em sintonia com a vontade de Deus, fazendo frutificar os dons que ele confiou, como ensina o Evangelho. Isso exige disposição e coragem para correr riscos pelo Reino, dedicando-se ao bem do próximo, como fez Jesus – aquele que “fez o bem por onde



passou” (At 10,38) – em toda a sua vida terrena. A mulher diligente da primeira leitura é um exemplo concreto da vigília ativa que deve caracterizar a vida dos cristãos. Ela praticamente antecipa o convite de Paulo na segunda leitura para que os cristãos vivam como filhos da luz.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Pr 31,10-13.19-20.30-31

O livro dos Provérbios, do qual é tirada a primeira leitura, é grande antologia de máximas e poemas sapienciais que compreende um período de aproximadamente sete séculos de produção literária (do séc. X ao séc. III a.C.). É o mais expressivo monumento da literatura sapiencial de toda a Bíblia. Foi atribuído ao rei Salomão (Pr 1,1) – principal referência da sabedoria de Israel – mediante o fenômeno da pseudonímia, sendo, no entanto, obra de autores diversos e de diferentes épocas. O texto da leitura compreende um conjunto de fragmentos do poema conclusivo do livro (Pr 31,10-31) que faz o elogio da mulher virtuosa, a qual pode ser considerada também imagem da sabedoria personificada e modelo para todo ser humano, independentemente de gênero.

A imagem da mulher como modelo para todo o agir humano faz desse texto um dos mais surpreendentes da literatura sapiencial, na qual em geral predomina uma imagem muito negativa da mulher, com raros elogios à beleza física. Aliás, essa mentalidade depreciativa ainda aparece no início do texto, com uma pergunta que insinua ser rara uma mulher virtuosa e com a comparação dela a objetos, embora reconheça sua superioridade (v. 10). A novidade aparece logo a seguir, quando começa a sequência de elogios às suas virtudes: é digna de confiança e diligente, sendo motivo de alegria e orgulho para o marido e toda a família (v. 11-12).

O diaconato permanente

Perspectivas teológico-pastorais

Valter Maurício Goedert



192 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra é uma reedição da que foi lançada pelo autor há 18 anos e trata da grande importância do desenvolvimento do diaconato permanente no Brasil. A atual edição foi revisada e conta com bibliografia atualizada. Na visão do autor, a restauração do ministério diaconal, na verdade, nasce da exigência de conferir ordens sagradas àqueles que, na prática, já exercem funções correspondentes a tais ordens.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



É trabalhadora, sabe ocupar bem seu tempo, dando conta de todas as necessidades da casa (v. 13.19). Tem um coração generoso; comove-se diante das necessidades dos pobres, estendendo suas mãos para ajudá-los (v. 20). Por último, o autor cita a maior das virtudes da mulher: o temor do Senhor, que não é medo, mas a disponibilidade total para fazer sua vontade. Quem possui essa virtude, como a mulher descrita até aqui, sabe valorizar o que é essencial, sem preocupar-se com as aparências e com o que é passageiro, como a beleza física, por exemplo (v. 30).

Quem vive à maneira dessa mulher merece louvor de fato (v. 31), pois faz a autêntica vigilância: dedicação total ao próximo, especialmente aos mais necessitados, e temor a Deus. Além disso, como é agradável a Deus toda pessoa que o teme e pratica o bem (cf. At 10,34-35), e a mulher é descrita com essas características, logo seu comportamento é paradigma para todos os seres humanos. É esse o agir dos filhos da luz, antecipando a segunda leitura.

2. II leitura: 1Ts 5,1-6

Esta liturgia conclui a leitura da primeira carta aos Tessalonicenses, iniciada há cinco domingos. O tema tratado no presente texto é o dia do Senhor. Havia muitas tensões nas primeiras comunidades cristãs, especialmente naquela de Tessalônica, em relação à parusia, ou seja, ao retorno glorioso de Jesus. A permanência de Paulo na comunidade foi muito curta, sem tempo suficiente para aprofundar os temas mais complexos da fé cristã, deixando os tessalonicenses com muitas dúvidas e dando margem a interpretações equivocadas. Imaginavam que o dia do Senhor seria imediato; por causa disso, houve gente que deixou até de trabalhar (2Ts 3,11), achando que já não valeria a

pena esforçar-se, uma vez que, dentro de poucos dias, tudo seria consumado com a volta do Senhor.

Preocupado com a situação, Paulo procura resolvê-la, como mostra a leitura, esclarecendo, em primeiro lugar, que ninguém sabe o dia nem a hora. Para isso, faz uso de algumas imagens a fim de ilustrar a explicação. O dia do Senhor será como um ladrão que não avisa quando vem, é imprevisível e deseja exatamente pegar a todos de surpresa (v. 1-2). Por isso, é necessário vigiar constantemente para não ser surpreendido; não se devem alimentar falsas seguranças, pois esse dia será como as dores de parto da mulher grávida, que surgem de repente (v. 3). É necessário preparar-se bem para não ser surpreendido, vivendo como filhos da luz e filhos do dia (v. 5), o que significa viver empenhados em fazer a vontade de Deus e praticar o bem constantemente, sem preocupações secundárias.

A quem vive à maneira de Jesus, pondo os dons recebidos à disposição de todos, a quem se dedica somente à prática do amor, não importa o dia nem a hora do retorno do Senhor. Quem deve preocupar-se são os orgulhosos, os prepotentes, os coniventes com a violência, os propagadores de mentiras, enfim, quem faz opções contrárias ao Evangelho de Jesus. A vigilância perfeita, portanto, é viver a cada dia o que Jesus ensinou, fazendo o bem a todos.

3. Evangelho: Mt 25,14-30

O Evangelho deste domingo corresponde a mais uma parábola do “discurso escatológico” do Evangelho segundo Mateus (Mt 24-25). Trata-se da “parábola dos talentos”, localizada entre a parábola das dez jovens (Mt 25,1-13) e a cena do julgamento final (Mt 25,31-46). A comunidade de Mateus vivia um momento de



crise, com certo desânimo na vivência das bem-aventuranças, núcleo central da mensagem cristã. Os cristãos esperavam um retorno imediato do Senhor e, como isso não acontecia, começaram a desanimar, abandonando a fé ou vivendo-a de modo superficial. Com essa parábola, o evangelista quer animá-los, mostrando que a espera não é um tempo perdido. Pelo contrário, é o tempo oportuno para a comunidade fazer crescer e multiplicar os dons que o Senhor lhe confiou.

Conta o texto a história de um homem que viajou para longe e deixou seus bens nas mãos de três empregados, distribuindo a cada um conforme as capacidades de administrar sua fortuna (v. 14-15). A quantidade diferenciada de bens recebidos por cada um pode ser alusão à diversidade de dons e carismas existentes na comunidade. Talento era uma medida usada para pesar metais preciosos como ouro e prata; um talento equivalia a aproximadamente 30 quilos de ouro, o que correspondia a 6 mil denários, e um denário, por sua vez, era o salário de um dia de trabalho braçal (Mt 20,2). Assim, até mesmo aquele que recebeu apenas um talento ainda recebeu grande fortuna. Isso revela a benevolência e a liberalidade do Senhor, bem como a perenidade dos bens que ele confia à comunidade.

Na prolongada ausência do dono, dois dos empregados trabalharam e se esforçaram até duplicar o que tinham recebido (v. 16-17). Quer dizer que não tiveram medo de arriscar, foram ousados e criativos. O terceiro, no entanto, pensou apenas na conservação: escondeu o talento no chão (v. 18). Ao retornar da viagem, o patrão fez o acerto de contas: recompensou os empregados que multiplicaram os talentos e puniu aquele que apenas o conservou (v. 19-28). Além disso, o patrão chamou o

terceiro servo de “mau”, mesmo sem ter cometido nenhum ato ilícito, mas apenas porque foi omissos (v. 26). Com efeito, na lógica do Reino, lógica que a comunidade cristã deve assumir, não é preciso cometer delitos para ser tratado como mau; basta ser omissos, indiferente e medroso. Não é suficiente não fazer o que é mau; basta deixar de fazer o bem para ficar fora da comunidade e, conseqüentemente, do Reino. A punição excessiva é apenas um alerta para o perigo de não assimilar a lógica do Reino; as conseqüências serão uma vida sem sentido, marcada pelo desespero, sem perspectiva alguma de futuro (v. 30).

O tempo prolongado entre a partida e o retorno do patrão significa o tempo entre a ressurreição e a segunda vinda de Jesus. A autêntica vigilância não é espera passiva, mas é atitude, é serviço em prol do Reino, por meio da multiplicação dos dons confiados pelo Senhor à comunidade. Quem pensa apenas em conservar a doutrina, os costumes e tradições, trai a confiança depositada pelo Senhor. O Reino exige decisão, ousadia, criatividade e liberdade para o uso dos dons recebidos. Ser vigilante é, portanto, não ter medo de arriscar, é pôr-se a serviço da comunidade, expondo os dons recebidos apesar dos riscos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Apresentar o tema da vigilância, relacionando as três leituras; enfatizar a necessidade de cada um(a) dar o melhor de si na construção de um mundo melhor. O esforço contínuo na prática do bem é a melhor maneira de vigiar e esperar o dia do Senhor. Recordar tantas mulheres que se esforçam, além das possibilidades, para dar o melhor de si a seus filhos; rezar por elas e pelas mulheres vítimas da violência doméstica.

Aíla L. Pinheiro de Andrade**

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO,
REI DO UNIVERSO

22 de novembro

Todos os povos da terra
estarão reunidos diante dele

I. INTRODUÇÃO GERAL

Esta solenidade não tem por tema central o poder de Deus, como muitos pensam. Celebrar Cristo Rei do Universo significa, antes de tudo, a universalidade da salvação, ou seja, a boa notícia de que ela é oferecida a todos e de que Deus não faz acepção de pessoas. Celebrar a realeza de Jesus significa que a realidade por ele semeada (pequena qual semente de mostarda) vai se plenificar e dar frutos que podem ser usufruídos por todos. O objetivo de Deus sempre foi se manifestar a todos como Pai amoroso que perdoa incondicionalmente, que “faz nascer o sol sobre os bons e os maus” (Mt 5,45) e deseja dar a todos a vida plena. No entanto, apenas quando acreditarmos realmente que seu amor incondicional deve ser revelado a todos, a cada tradição e cultura – e que os povos necessitam receber a revelação divina por meio de sua própria sensibilidade para o transcendente –, poderemos ser cristãos menos soberbos e mais humildes. Quando isso acontecer, Cristo será, de fato, soberano em nossa vida.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 25,31-46)

O Evangelho se inicia com uma parábola para indicar a chegada definitiva do Reino de Deus. A menção ao Filho do Homem significa a volta de Jesus e o julgamen-

to. Na Antiguidade, a principal função do rei era realizar julgamentos com base nos quais implantava a justiça, absolvendo os inocentes e castigando os culpados. Desse modo, a harmonia se instaurava na sociedade. Jesus usa essa linguagem da época como metáfora para indicar que o Reino de Deus é justiça. A tarefa de Jesus, no fim dos tempos, é indicada pelos termos “Filho do Homem”, “rei” (sentado no trono) e “pastor”. Em primeiro lugar, ele nos mostra, pela parábola, que a separação será realizada apenas no final. Para elucidar isso, compõe sua narrativa com imagens muito comuns naquela época. De fato, na região onde Jesus morava, os pastores cuidavam de ovelhas e cabras ao mesmo tempo. Os rebanhos eram mesclados. Somente ao cair da tarde os pastores separavam os animais, porque as ovelhas suportam melhor o frio da noite, e as cabras tinham necessidade de dormir num abrigo, do contrário ficavam doentes. Com essa breve parábola, Jesus está afirmando que a separação entre pessoas boas e más será feita somente no fim dos tempos, à semelhança da separação do rebanho, feita no fim do dia. Este é o primeiro ponto do ensinamento desse Evangelho.

Um segundo ponto é que, tanto no mundo quanto na Igreja, convivem misturados os que praticam o bem em favor dos sofredores e excluídos e aqueles que nada fazem pelas pessoas mais necessitadas. Portanto, não podemos passar uma linha no chão e dizer que, deste lado, o da Igreja, estão os que ajudam e, do outro lado, fora da Igreja, estão os que não se sensibilizam pela dor do outro. Essa constatação de Jesus deveria deixar os cristãos menos arrogantes e mais humildes. No mundo, convivem os

**Ir. Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj, graduada em Filosofia e em Teologia, cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Faje (MG). Atualmente, leciona na pós-graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco – Unicap. E-mail: aylanj@gmail.com



opressores e os oprimidos, os que acumulam muitas riquezas e os que passam fome. No mundo também estão aqueles que dão a vida em favor de um mundo melhor e o fazem sem nenhuma motivação religiosa. Essa mistura permanecerá até o fim dos tempos, quando todos estarão diante do Filho do Homem, que reinará sobre todas as nações. Somente aí se dará a separação, não entre os que são cristãos e os que não são cristãos, mas entre os que praticam o bem e os que não o praticam. A bem-aventurança do Reino é vivenciada por aqueles que compartilham a vida: alimentam o faminto, acolhem o peregrino, ajudam o enfermo etc. O contrário, a condenação, é vivida por aqueles que se fecham no egoísmo, estejam estes dentro ou fora da Igreja. A surpresa nesse tipo de julgamento é grande, pois tanto os que praticaram o bem quanto os que não o praticaram têm uma reação de espanto com o veredicto do rei, já que ambos os grupos esperavam que a separação fosse feita entre religiosos e não religiosos, crentes e descrentes. Isso mostra que o Reino de Deus é muito diferente do que geralmente se pensa. É um Reino de amor e de partilha, no qual não há lugar para o egoísmo, a intolerância, a indiferença etc.

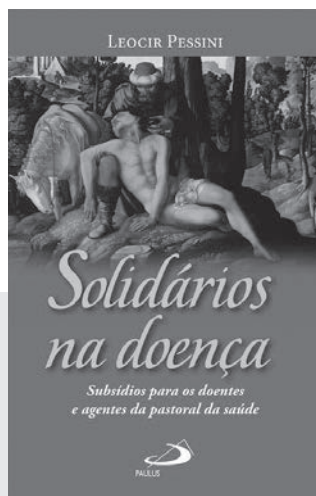
2. I leitura (Ez 34,11-12.15-17)

Na época do profeta Ezequiel, o povo da Bíblia estava espalhado entre várias nações na vastidão do Império Babilônico. O texto compara essa situação com um rebanho disperso durante uma tempestade “num dia de nuvens e escuridão”. No entanto, da mesma forma que um pastor reúne as ovelhas após a tempestade, Deus vai reunir seu povo novamente na terra que lhe deu por herança. Como um bom pastor, Deus irá recolher e contar o “rebanho” para que todos possam estar seguros sob sua proteção e cuidados. Ezequiel afirma que o Senhor vai lidar com

Solidários na doença

Subsídios para os doentes e agentes da pastoral da saúde

Leocir Pessini



120 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro reúne as orações mais populares utilizadas no trabalho pastoral para rezar com e pelo doente, tocando o coração que enfrenta o grande desafio de dar um sentido à experiência do encontro com a doença, o sofrimento e a morte. Além das orações, a obra apresenta quatro reflexões, que colocam a pessoa de frente com a palavra de vida que convoca para a solidariedade. É um instrumento válido também para quem trabalha como profissional da saúde.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



as ovelhas de acordo com a necessidade de cada uma: “procurar a ovelha perdida, reconduzir a extraviada, enfaixar a da perna quebrada, fortalecer a doente e vigiar a ovelha gorda e forte”, para que esta última não seja presa fácil das feras. Essas imagens evocam a justiça e o cuidado de Deus para com seu povo.

Continuando a comparação com a realidade pastoril daquela época, o profeta nos mostra a soberania de Deus, ao conduzir seu povo ao longo da história. O Senhor está empenhado em instaurar uma nova ordem das coisas, na qual a equidade estará em oposição à situação injusta do passado. As injustiças sociais vão desaparecer, porque o Senhor vai atender às necessidades de cada ovelha. A situação de opressão é representada pelo que acontece entre os animais do rebanho: os animais mais fortes chifram os mais frágeis, empurrando-os para longe do alimento. Foi algo semelhante a isso que fizeram os líderes de Israel com os pobres e necessitados. No antigo estado de coisas, os mais fortes e os mais poderosos abusaram da sua situação privilegiada para desprezar os direitos dos mais fracos. Por isso, o profeta afirma que Deus vai fazer “justiça entre uma ovelha e outra, entre carneiros e bodes”.

3. II leitura (1Cor 15,20-26.28)

Na segunda leitura, Paulo está explicando aos coríntios o significado da ressurreição de Cristo para os cristãos. Ela é o resultado da poderosa intervenção do Pai, por meio da qual se realiza a vitória de Cristo sobre a morte. A fim de melhor explicar as consequências advindas da ressurreição de Cristo, Paulo emprega duas figuras retiradas do Antigo Testamento. A primeira delas é a prática de ofertar as primícias a Deus. “Primícias” é termo que descreve os primeiros frutos (Lv 23,10-14), os quais eram ofertados a Deus e representavam a

totalidade da colheita. Da mesma forma, a ressurreição de Jesus garante nossa própria ressurreição, já que Cristo nos representa em sua oferta ao Pai. A segunda figura tirada do Antigo Testamento é a de Adão. Paulo faz uma analogia entre dois homens representativos. O primeiro Adão representa todas as pessoas que vivem em um mundo caracterizado por egocentrismo, pecado e morte. Isto é, o primeiro Adão representa um modo de viver da humanidade. Em Cristo, novo Adão, o Pai realiza nova criação. Por meio de Cristo ressuscitado, a humanidade será vivificada na ressurreição final. Como o novo Adão é também criador e inaugurador de nova humanidade, de novo modo de viver, essa nova criação começou em sua morte e ressurreição e terá sua consumação no fim dos tempos.

O reinado de Cristo, isto é, a era do Messias, teve início com a ascensão de Jesus e sua exaltação à direita de Deus. A expressão “é preciso que ele reine” indica que Cristo deve continuar a reinar até o final, quando todos os adversários do Reino de Deus forem destruídos, pois a vinda de Cristo vai aniquilar o pior dos poderes, a morte. O triunfo sobre a morte se dará mediante a ressurreição de todos os que pertencem ao Cristo. Isso significa que o fim último da caminhada do crente é a participação no Reino de Deus, na vida plena, para a qual somos criados e recriados.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras apontam para o fim dos tempos, pois somente aí o Reinado de Deus, isto é, sua soberania, se estenderá sobre toda a humanidade. Contudo, elas se referem muito mais ao presente da história do que ao fim dos tempos: trata-se mais de quem somos e de como deveríamos agir do que de uma descrição de como será no final de nossa vida. Aquilo que viveremos no futuro após a morte, ou seja, na vinda



de Jesus, depende do nosso modo de viver agora. É nosso modo de viver no aqui e agora que define a bem-aventurança ou a maldição futura no fim dos tempos. Podemos viver à maneira do antigo Adão ou do novo Adão. Podemos viver como aqueles que usufruem do triunfo de Cristo sobre o pecado e a morte ou como aqueles que, mesmo dentro da Igreja e aparentando santidade, vivem submissos ao egoísmo e ao pecado. Hoje poderíamos atualizar as palavras de Jesus da seguinte forma: malditos todos aqueles que reduzem a religião somente a dogmas e ritos e não ensinam que religião verdadeira é partilhar a vida. Estes estão em conluio com todos aqueles que empobrecem e arrebatam os direitos fundamentais de seus irmãos, porque estão contra a única lei do Reino: o amor.

1º DOMINGO DO ADVENTO

29 de novembro

Convertei-nos, para que
sejamos salvos

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na liturgia deste domingo, celebramos a certeza de que “o Senhor vem”. As leituras são muito ricas de elementos por meio dos quais recebemos orientações concretas sobre como viver a espera pela vinda do Senhor.

O cristão, antes de tudo, deve conformar sua vida à de Cristo, o que significa romper com o pecado e fazer a vontade de Deus, viver em atitude constante de conversão. No entanto, tal atitude só é possível se nos reconhecermos pecadores, se olharmos menos para os pecados dos outros e tomarmos a firme decisão de levar a sério a vontade de Deus em relação a nós. Ele sempre nos perdoa; portanto, necessitamos levar a sério o perdão que recebemos e nos tornar dignos de sua misericórdia, agradecidos pelo

seu imenso amor. Realizar uma reforma íntima é a melhor atitude na espera pelo Senhor que vem. A decisão é nossa e podemos contar com o auxílio de Deus, que renova nosso coração.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mc 13,33-37)

No Evangelho, Jesus, no final de seu ministério terrestre, dá instruções a respeito de como se deve viver a espera pela sua nova vinda. Suas orientações são direcionadas sobretudo aos discípulos (v. 33), mas não exclusivamente a eles, pois querem alcançar a todos (v. 37): “O que vos digo, digo a todos: Vigiai!” Isso significa que especialmente à Igreja Jesus deixou a tarefa do serviço e da vigilância, à maneira de servos e de porteiros do Reino de Deus. Vigiar, porém, não faz dos discípulos de Jesus meros servos à mercê dos caprichos de um amo imprevisível nem, muito menos, vigias à espreita para dominar os vigiados. A Igreja, comunidade dos seguidores de Jesus, é companheira de todas as pessoas nos caminhos da história, é companheira do Mestre, que a precedeu como dom generoso e lhe deu o mandato de levar a termo sua missão de instaurar o Reino de paz e fraternidade. Vigiar é a atitude de quem está sob a escuridão da noite, à espera da aurora do grande dia do Senhor, da vinda de Cristo, que a liturgia enfatiza mediante o termo *Advento*.

Os tempos atuais, no dizer de Jesus a seus discípulos, são como uma noite. A expressão “à tarde, à meia-noite, de madrugada ou ao amanhecer” (v. 35) são os quatro momentos nos quais se dividia a noite na Antiguidade: desde o pôr do sol, à meia-noite, ao cantar do galo, ao amanhecer. É noite de espera e de esperança de tempos melhores; estamos no meio da noite, antes da aurora da plenitude da redenção. A esperança vem do fato de que o Senhor esperado é o mesmo que se ofereceu por nós. O vigia é aquele que fica



atento no serviço, enquanto os outros estão desatentos e inertes, em sono profundo. Por isso, vigiar foi a última recomendação de Jesus, ao concluir seu ministério terrestre. O vigia também deve enfrentar, com coragem e determinação, todas as adversidades que podem surgir durante a noite. Significa permanecer firme na esperança, animado pela certeza de que o Senhor vem. Portanto, o Advento, o período da espera, é tempo do compromisso com a construção do Reino. É tempo que nos pede compromisso com a conversão, para que o Senhor não nos pegue de surpresa, negligenciando suas ordens.

2. I leitura (Is 63,16b-17.19b; 64,2b-7)

A primeira leitura é uma oração do profeta, que intercede pelo povo em vista da condição lamentável em que este se encontrava: com o coração endurecido, longe dos caminhos do Senhor. O profeta apela, então, para o caráter paternal de Deus. A expressão “tu és nosso Pai” aparece duas vezes nessa passagem (63,16; 64,7). Deus é o Pai de Israel não simplesmente porque criou esse povo, mas também por tê-lo redimido. A redenção proporciona a participação em uma vida que se insere no amor e no projeto de Deus; vida que não pode ser reduzida meramente a seu aspecto físico-biológico. O profeta pede uma teofania, uma manifestação que abale as montanhas, consideradas como colunas da terra. Na intenção do profeta, essa manifestação teria de ser um fenômeno tão visível e imponente como nunca fora visto ou ouvido antes; manifestação mais maravilhosa que os acontecimentos no Sinai, para ser lembrada como algo estupendo em favor daqueles que esperam por Deus. O profeta expressa enfaticamente esse desejo, mesmo estando ciente da falta de mérito do povo para receber tal revelação da parte de Deus. Na percepção do profeta, os corações endurecidos parecem ter fechado os céus, pois a expressão “céus

abertos” simboliza a presença divina no meio do povo. O Deus de Israel, porém, é um Pai cheio de amor e de misericórdia, que garante sua intervenção salvadora ao longo da história e sempre se mostra disposto a libertar seu povo do pecado, dando-lhe um coração renovado, capaz de amar.

3. II leitura (1Cor 1,3-9)

Na segunda leitura, Paulo faz uma saudação inicial, na qual usa duas palavras carregadas de significado, indicativas do que a Igreja em Corinto necessitava urgentemente: “graça e paz”. À saudação tradicional entre os judeus, “paz” (*shalom*), o apóstolo acrescenta “graça”, porque se deu conta de que a Igreja em Corinto necessitava de ambas. O problema fundamental era que os coríntios não respondiam corretamente à iniciativa da graça de Deus e, portanto, não usufruíam de verdadeira paz. A graça de Deus se manifesta nos dons espirituais, os quais não têm um fim em si mesmos, mas motivam à gratuidade. Paulo sabia que o problema dos coríntios não era a falta de dons espirituais, mas a imaturidade daquela comunidade em relação aos dons, pois seus membros pensavam que, por meio destes, pudessem prever a segunda vinda de Cristo. Em contraposição a esse tipo de pensamento, Paulo chama a atenção para o testemunho que deve ser dado sobre Cristo, para que esperem com perseverança o momento da revelação final do Senhor e, enquanto a esperam, se mantenham irrepreensíveis. Com efeito, Deus é fiel às suas promessas, e assim devem ser todos aqueles que estão em comunhão com ele por intermédio de Cristo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O contexto atual é marcado por violência e ganância desmedidas. Os seguidores de Jesus não estão isentos de sofrer as consequências de viver em um mundo que se configura desse modo. Da mesma



forma como aconteceu com o Mestre, os seguidores de Cristo serão entregues nas mãos das grandes potências deste mundo, mas, superando todo medo, devem anunciar o Evangelho incessantemente. Jesus confiou a seus discípulos a vigilância em relação ao Reino. A comunidade cristã é, para os valores do Reino, o que um vigilante é para um banco, uma residência, uma loja. Grande é nossa responsabilidade, e devemos estar atentos para que o Senhor não nos surpreenda negligenciando a tarefa confiada. Esses valores são vigiados e protegidos quando são postos em prática pela Igreja. Isso significa que o Reino não é expandido por meio da pompa e das glórias deste mundo, ao contrário: buscando ser semelhantes ao Cristo, sendo considerados pelo mundo como fracos e perdedores, os cristãos protegerão os valores do Reino. Os evangelizadores são ameaçados à semelhança de seu Mestre, mas continuarão a oferecer o testemunho de vida em um mundo que insiste em persegui-los. Em resumo, uma conversão contínua é necessária, pois, se o vigilante entra em acordo com o ladrão, então já será tão infrator quanto ele. Não podemos fazer acordo com o mundo, com a ganância, com a corrupção, com a intolerância e a busca desenfreada pelo poder. Vigiem!

2º DOMINGO DO ADVENTO

6 de dezembro

Consolai,
consolai o meu povo

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras desta celebração têm duas tônicas complementares: conversão e consolação. Deus está empenhado em nos conduzir para um mundo novo ou realidade nova. Tal constatação nos consola e nos enche de esperança, porque significa

Formação permanente

Acreditamos realmente?

Amedeo Cencini



136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra não tem a pretensão de construir uma teoria da formação permanente, mas procura oferecer uma simples contribuição para seu esclarecimento na mente e no coração de quem decidiu seguir o Mestre num caminho que jamais termina (padres, bispos etc.). Além da pergunta do título, quer responder outras como: "Em que consiste a formação permanente?"; "Consideramos que ela seja possível nas circunstâncias atuais?"; "Estamos vivendo-a de alguma forma?".

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



que não ficaremos para sempre sofrendo as consequências do egoísmo e há solução para o problema do mal, que um dia terá fim. No entanto, o mundo novo que nos é oferecido por Deus somente poderá acontecer quando o ser humano fizer uma reforma íntima. Isso exige que estejamos sempre inseridos numa dinâmica de conversão, de transformação do homem velho em nova criatura; que nos empenhemos em pôr em prática a vontade de Deus e caminhemos na fidelidade.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mc 1,1-8)

A liturgia deste domingo nos oferece um texto que enfatiza a identidade de João Batista como mensageiro de Deus e iniciador do caminho de Jesus. Portanto, quem quiser celebrar bem o nascimento de Jesus deve passar por João Batista, entendendo o objetivo de sua vinda antes do Cristo. A figura de João no deserto insere-se no advento do Evangelho e do cristianismo, à semelhança da passagem do povo pelo deserto durante 40 anos, a qual antecipou o nascimento de Israel como povo consagrado a Deus. O deserto é lugar de provação intensa ou tentação, mas também evoca o caminho do retorno, conforme as palavras de Is 40,3. Por isso, o Evangelho deste dia apresenta João não apenas batizando, mas também proclamando um batismo de arrependimento e de conversão. O verbo “proclamar” indica que o batismo realizado por João não é mero ritual, mas evento de salvação que ele veio proclamar. Por isso, também, João não batiza em qualquer lugar, mas no rio Jordão, entrada para Israel, à semelhança dos hebreus quando foram libertados da escravidão do Egito e, atravessando o deserto, entraram na Terra Prometida através do mesmo rio.

Marcos relata que o batismo de João era com água e tinha como objetivo a conversão. Com a chegada do mais forte,

ou seja, do mais apto, o batismo será com o Espírito Santo e com fogo. Esse que virá – a saber, o Cristo – é que irá realizar a obra de Deus para a qual João está preparando as pessoas. João Batista está seguro de que a vinda do Cristo trará consigo o fim dos tempos. Por isso, o profeta estabelece um movimento final de conversão, antes do fim iminente. Ele expõe aos seus ouvintes aquilo que considera ser a última oportunidade de conversão, porque, no seu modo de pensar, já não haverá nenhuma outra oportunidade. Dessa forma, João fica na fronteira entre o deserto e a Terra Prometida, abordando todos os habitantes de Jerusalém e da Judeia, como um personagem do fim dos tempos, e oferecendo oportunidade de conversão, antes da chegada do Cristo, a cada um daqueles que vêm ali e confessam seus pecados. João nos convida a acolher o Cristo libertador, que nos dá o Espírito Santo para gerar vida nova ao nos introduzir na dinâmica do mundo novo que está por vir, na dinâmica do amor.

2. I leitura (Is 40,1-5.9-11)

A primeira leitura nos garante que o Deus de Israel é soberano na história do mundo, embora algumas situações possam ofuscar essa certeza. Na época em que esse texto bíblico foi escrito, o povo de Deus passava por tempos de incerteza. Via-se a sucessão do Império Babilônico pelo Império Persa, ou seja, o povo continuava sob a dominação estrangeira e não sabia se os novos senhores seriam piores ou melhores que os anteriores, situação que trazia uma onda agitada de preocupações. Então o profeta introduz a boa-nova da redenção (v. 1-11); a mensagem de Deus para o seu povo é de consolo, porque chegou o tempo de redenção. Seu convite é que aceitem a salvação que Deus oferece. O profeta faz esse convite por meio de um anúncio de esperança; garante a fidelidade de Deus e



a vontade divina de conduzir o povo para a liberdade e a paz. Uma imagem muito comum na época é usada, relacionada à forma pela qual se faziam as preparações para a viagem de um rei: os vales nivelados, os montes e colinas abaixados, o caminho torto endireitado (v. 4). A voz proclama que Deus vem para levar seu povo da escravidão para a liberdade, da Babilônia para Jerusalém, ao longo de um percurso através do deserto. Deus será como um pastor à frente do rebanho, irá atravessar o deserto à frente de seu povo, que retorna do exílio babilônico para Jerusalém.

3. II leitura (2Pd 3,8-14)

A segunda leitura nos adverte de que não podemos ignorar que o Senhor é eterno e de que não existe o aparente atraso da segunda vinda de Cristo. A expressão “um dia é como mil anos e mil anos é como um dia” (v. 8) é tirada do Sl 90,4 e não se refere a um milênio como período histórico, mas simplesmente ao fato de que o tempo não afeta o Senhor, porque ele é eterno. Esse aparente atraso em seu retorno, na verdade, deve ser interpretado como prova de sua paciência conosco. É sua vontade que ninguém pereça, mas os pecadores mudem de atitude. A aparente descrição do fim dos tempos, como se todas as coisas fossem desintegrar-se, não deve nos meter medo. O autor não está querendo afirmar que tudo vai se acabar com o fogo. Ele usa o símbolo do fogo porque era o principal elemento purificador dos metais na Antiguidade. Era pelo fogo que se mostrava o valor de um metal precioso, como a prata e o ouro. Da mesma forma, é nos períodos das maiores provas que se mostra a grandeza de nossa fé e santidade. Portanto, devemos considerar nossa vida e santidade como metal precioso, enquanto esperamos diligentemente a vinda do Senhor.

A expressão “céus e terra” serve para resumir toda a criação, por isso “novos céus e nova terra” significam apenas nova criação. O autor quer mostrar que haverá “nova terra onde habitará a justiça”. Ele não está interessado em apresentar um mapa dos eventos futuros, e sim em apontar para a esperança na transformação do nosso presente. Essa leitura nos convida a uma espera produtiva e transformadora do nosso comportamento. O texto bíblico nos exorta à conversão contínua e à transformação do mundo egoísta em Reino de fraternidade e paz.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras enfatizam o consolo por Deus ser eterno e agir sempre em favor de seu povo, mas, ao mesmo tempo, pedem que nos dispamos dos hábitos do comodismo, da indiferença, do egoísmo e da autossuficiência e aceitemos, outra vez, deixar-nos guiar por Deus. É tempo de conversão. Não estamos nos preparando apenas para o Natal, em 25 de dezembro. Estamos nos preparando para a segunda vinda de Jesus e para o mundo novo que ele trará consigo. A celebração do nascimento de Jesus é sinal que aponta para o Reino definitivo, e somente participaremos dessa nova criação se mudarmos nosso modo de viver agora.

3º DOMINGO DO ADVENTO

13 de dezembro

Meu espírito se alegra em
Deus, meu Salvador

I. INTRODUÇÃO GERAL

No passado, assim como hoje, as pessoas viviam em situação de miséria, violência, guerra e muitos outros sofrimentos. Por meio de diversas pessoas, Deus garantiu que amava seu povo, que não o



abandonaria nos sofrimentos e dificuldades e que tinha um plano segundo o qual o mal chegaria ao fim. Por isso, as leituras desta liturgia nos chamam a atenção para a alegria alicerçada na garantia de que Deus nos ama e nos propõe ajudá-lo na construção do seu Reino de amor e paz. Deus espera nosso consentimento e nosso empenho nesse empreendimento de edificação da fraternidade, da justiça, do amor e da paz. Portanto, nossa alegria é real, mesmo quando passamos por problemas e dificuldades, porque se baseia no amor de Deus por nós e na sua ação na história, sempre presente em nossa vida, assegurando sua fidelidade e realizando seu Reino, que em breve se plenificará.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Jo 1,6-8.19-28)

O Evangelho deste dia afirma que João Batista foi “enviado por Deus”. Essa expressão, frequentemente utilizada no Antigo Testamento, aqui significa que a missão do precursor não é humana, mas está alicerçada na vontade de Deus. Após essa afirmação sobre João Batista, o Evangelho faz clara distinção entre ele e Jesus. João veio como testemunha, o que indica o propósito da missão que Deus lhe conferiu. A afirmação de que o Batista veio para “dar testemunho da luz” define mais especificamente sua missão. O texto esclarece que a luz era o Verbo, o Filho de Deus. “Para que todos cressem por meio dele” indica que o propósito da missão de João é despertar a fé nas pessoas. Fé que é muito mais que mero sentimento, pois exige mudança de pensamento e testemunho de vida. O relato evangélico continua com a vinda de uma delegação oficial dos fariseus, enviada de Jerusalém para investigar o Batista. Os fariseus insistem em saber sua identidade e a natureza de sua missão, ou seja, queriam ter certeza de sua ortodoxia, se ensinava

ou não de acordo com a doutrina. Além disso, era dever dos líderes judeus, perante as autoridades romanas, a manutenção da paz na Judeia, pois, caso contrário, eles corriam o risco de perder sua posição de autoridade. João era uma daquelas pessoas que atraíam multidões, o que o tornava suspeito de provocar uma revolução. Ele, ao final, identifica-se, recorrendo a uma citação do profeta Isaías (Is 40,3). Confessa não ser nem o Cristo nem o profeta, mas apenas uma voz conclamando as pessoas a se prepararem para a vinda de Cristo. É aqui que a missão do precursor tem a ver conosco, hoje, ao nos prepararmos para o Natal e para a segunda vinda de Cristo. É necessário prepararmos o caminho, isto é, remover todos os obstáculos que impedem a marcha da ação de Cristo em nossa vida. Os fariseus também queriam saber com que autoridade João exigia batismo para os judeus. João responde, marcando nítido contraste entre ele e seu sucessor: deixa de lado a questão do batismo e aponta para o Cristo, desconhecido deles. Estabelece a grandeza daquele que está chegando, em comparação à indignidade pessoal do precursor, usando uma imagem do cotidiano daquela época. O escravo tinha a tarefa de desatar a sandália de seu dono, mas nem disso João se sente digno. Assim, o Batista rejeita categoricamente qualquer pretensão de grandeza. Somos convidados a nos situarmos na mesma atitude de João Batista: dar a oportunidade ao mundo atual de acolher e de “conhecer” Jesus, “aquele” que o Pai enviou. O Cristo é o único que tem uma proposta de vida plena para a humanidade.

2. I leitura (Is 61,1-2a.10-11)

A primeira leitura anuncia um tempo novo, de vida plena. No contexto em que foi escrito esse texto, havia muita desigualdade social, muitos passavam fome,



outros eram presos por causa do empobrecimento derivado de grandes dívidas causadas pelo aumento dos impostos. É nesse contexto que se levanta a voz do profeta, conclamando à criação de uma cultura de solidariedade, que se expresse, antes de tudo, em ajuda direcionada aos mais necessitados. Contra aquele estado de coisas, eleva-se a ação libertadora do Servo mencionado pelo profeta: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu e me enviou: para evangelizar os oprimidos; para curar os corações quebrados (as feridas da alma); para proclamar a libertação aos presos e a abertura do cárcere aos prisioneiros; para proclamar o Ano da Graça do Senhor; para confortar o aflito”.

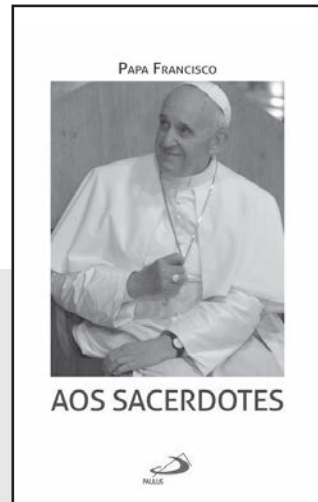
O termo “para” indica o propósito messiânico da missão do Servo, que não é somente exigir dos outros que o façam, mas fazê-lo como um delegado de Deus e portador da salvação divina, porque ele foi ungido pelo Espírito criador e salvador. O “Ano da Graça” será o tempo definitivo, a plenitude da liberdade criadora de Deus, a qual, para nós, cristãos, acontece com Jesus Cristo. Essa missão do Servo foi plenificada por Jesus; ele nos tirou do cárcere do egoísmo e, portanto, cabe-nos levantar nossa voz em favor do sofredor para que a vida e a missão de Jesus tenham efeito em nossa época.

3. II leitura (1Ts 5,16-24)

Na segunda leitura, Paulo apresenta o cristianismo não como um conjunto de obrigações, mas como um modo de vida orientada para Deus na alegria, na oração e na ação de graças. Na vida orientada para Deus, o discernimento é um passo necessário para lidar com o inevitável risco de falsos carismas. Por isso, o apóstolo, logo a seguir, põe-se de guarda contra crenças ingênuas ou manifestações espirituais

Aos sacerdotes

Papa Francisco



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra reúne textos do Papa Francisco: a “Carta aos presbíteros”, escrita por ocasião dos 160 anos da morte do Cura d’Ars, e as homilias proferidas nas missas do Crisma, entre os anos de 2013 e 2019. São textos de riqueza espiritual e teológica, e profunda beleza poética. Na primeira dessas homilias, por exemplo, o Santo Padre semeia uma metáfora que permeará todo o seu ministério petrino: a imagem do “pastor com o cheiro das ovelhas”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



fantasiosas. Hoje, tanto quanto no tempo de Paulo, cresce cada vez mais a busca por supostos carismas extraordinários. Paulo chama a atenção para que se tome cuidado com certos tipos de profecias.

Em última análise, Deus é o autor de todos os dons concedidos aos cristãos. E nossa santificação não é apenas desejo de Deus, mas é obra divina em nós. Assim, a fidelidade de Deus às suas próprias promessas garante que ele mesmo plenificará em nós aquilo a que fomos chamados, a santidade. Deus está comprometido com a humanidade e, por grande que seja a fragilidade humana, maior é a fidelidade de Deus. Então podemos nos perguntar: que atitude se deve assumir enquanto se espera pelo Senhor? Que tipo de comunidade vive fervorosamente a espera pelo Senhor?

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Nossa época é marcada por uma multidão de seres humanos que vivem numa situação intolerável de carência de bens, de dignidade, de liberdade, de justiça, que não têm acesso aos bens essenciais (educação, saúde, trabalho, moradia), que não têm vez nem voz, que são explorados por sistemas econômicos geradores de exclusão, alienação e miséria. Isso tudo nos causa profunda tristeza. Deus, contudo, não abandona essa multidão, espalhada pelo mundo, à miséria e ao sofrimento. Ele tem um projeto de vida para cada ser humano esmagado pelo egoísmo, pela violência e pela omissão de muitos. Não é indiferente, não pactua com a exclusão, o racismo, o terrorismo, o tráfico de drogas, o imperialismo, a prepotência. Deus ama e se faz próximo de cada sofredor. Sua graça e seu amor dão forças para vencer o desânimo, o frio da noite, o calor do dia, o estômago vazio e as forças da morte. Isso nos traz alegria. Ele conta conosco para

que, por meio de nós, possa demonstrar seu amor e seu cuidado a cada sofredor. Isso nos dá responsabilidade.

4º DOMINGO DO ADVENTO

20 de dezembro

Conosco está o Senhor Deus de Israel

I. INTRODUÇÃO GERAL

O projeto de vida plena, anunciado no Antigo Testamento, com a encarnação do Verbo se torna uma realidade concreta, embora ainda não terminada. Deus nunca abandonou seu povo nem as promessas que lhe fez. Ao contrário, ao longo da história, preparou a humanidade para a vinda do Salvador e, com ele, a instauração de seu projeto de amor. Isso significa que a história universal não é caótica, não está fora de controle, pois Deus governa os acontecimentos, os quais servem ao seu propósito de revelar-se ao mundo. Deus se utilizou de todos os eventos da história para, por meio deles, vir ao encontro do ser humano. Esteve sempre conosco, fazendo alianças, oferecendo-nos um modo alternativo de viver: em vez de egoísmo e violência, o amor e a paz. Deus sempre nos apontará um caminho para a vida e a liberdade verdadeiras.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Lc 1,26-38)

O Evangelho desta liturgia nos diz que Maria dialogou com Deus por meio de Gabriel e mostra que Deus não se impõe, não subjuga, mas dialoga, busca um interlocutor humano e necessita da palavra de Maria, uma mulher, para que seu Filho nasça. Nesse momento decisivo, a mulher tem de agir como sujeito, quer dizer, com autonomia. Da palavra da mulher depende a Palavra de Deus, e, nessa linha, no final



do Advento, descobrimos Maria como uma mulher autônoma, amorosa, livre e determinada, capaz de pôr sua vida a serviço de Deus. Ele lhe pede um compromisso que ela deve assumir de forma pessoal, sem a consulta ou a permissão de um homem, seja pai, irmão ou marido. É a mulher (antes foi Eva, agora é Maria) quem decide. Isso é muito significativo, porque a história de Israel foi narrada segundo a perspectiva de que Deus agia, geralmente, por meio do sexo masculino, com o qual fazia alianças. Agora, Deus rompe essa supremacia do homem, expressando seu mistério por intermédio da fé e da acolhida de Maria à sua proposta. Maria compreende o que Deus está propondo e por isso pergunta. Não resiste, não procura apoio em ninguém, simplesmente expressa sua dificuldade diante daquela proposta. Ela se sabe autônoma diante de Deus e, com base em sua própria solidão e autonomia, lhe responde. O anjo dialogou a sós com Maria, considerando-a como portadora da esperança messiânica. Isso rompe com o messianismo de tipo masculino, que se expressa numa visão segundo a qual o masculino é privilegiado por causa de seu poder de engendramento e por sua capacidade de imposição e violência. Esse messianismo está vinculado à figura de um rei triunfante, com insígnias de poder e guerra. O anjo, contudo, não se dirige ao homem, e sim à mulher, Maria, que não aparece em confronto com ninguém. O messianismo proposto aqui é bem diferente do messianismo de cunho masculino, pois, em vez da violência humana, é por pura graça de Deus e pela ação de uma mulher que emerge o Messias no mundo. Foi porque Deus não lhe impôs nenhum tipo de tarefa, pediu permissão, dialogou com ela, a chamou livremente, que ela pôde responder: “Eis a serva, faça em mim, com meu consentimento, aquilo que me foi dito”.

Somente dessa forma, com a colaboração ativa, se podem compreender e cumprir as esperanças de Israel. A concretização do projeto de Deus somente é possível quando as pessoas dizem “sim” a Ele. Foi assim desde os tempos antigos de Israel, foi assim com Maria e com os discípulos de Jesus, e é assim conosco hoje.

2. I leitura (2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16)

A primeira leitura nos mostra que o reinado de Davi havia se consolidado e nas suas fronteiras prevalecia a paz. O rei tinha seu palácio, tudo parecia ter se estabilizado, mas a arca da Aliança continuava em um santuário provisório. O relato afirma que Davi considerou esses fatos e confiou ao profeta Natã suas intenções de construir um templo para abrigar a arca. Natã aprovou, em caráter provisório, as intenções do rei, até que houvesse a confirmação definitiva da vontade divina. Então aconteceu um giro inesperado: Deus se manifestou por meio do profeta Natã, afirmando que não seria Davi quem lhe edificaria uma casa (um templo); ao contrário, seria Deus quem ergueria uma casa (dinastia) para Davi. Isto é, com essa profecia, o Senhor prometia a Davi a continuidade do reino por meio de seus descendentes. Trata-se de aliança entre Deus e a descendência davídica, firmada mediante a fórmula: “Eu serei para ele um pai e ele será meu filho”. É possível vislumbrar, nas entrelinhas desse relato, um descendente de Davi no qual se realizarão todas as nuances e pormenores contidos no oráculo proferido por Natã. Um filho de Davi por meio do qual Deus oferecerá ao seu povo a estabilidade, o bem-estar e a paz. Esse oráculo e essa aliança realizam-se em Jesus.

3. II leitura (Rm 16,25-27)

Esse texto é o resultado de uma reflexão teológica longa e profunda, levada a termo no seio da comunidade cristã.



Os três versículos nos mostram grande verdade: o fio condutor da história humana é, sem dúvida, o projeto salvífico de Deus, escondido desde toda a eternidade, agora revelado em Cristo e proclamado pela Igreja a todos os povos. O plano de Deus é um grande “mistério” desde a criação do mundo. No passado de Israel, os profetas vislumbraram alguns sinais do que Deus estava por fazer; foi, porém, em Jesus que esse projeto se manifestou de forma clara e definitiva. Resta-nos a missão de anunciá-lo durante o tempo que falta até a volta de Jesus; nisso consiste o seguimento e a fidelidade da Igreja em resposta à eterna fidelidade de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

No mundo existe violência, injustiça, opressão, exploração... As Sagradas Escrituras testemunham, contudo, que Deus conduz a história humana e a direciona para um porto seguro, de acordo com seu projeto de amor. As promessas que Deus fez no passado foram suficientes para que Israel mantivesse firme sua fé durante milênios; hoje, essas promessas se concretizam em Jesus. Portanto, temos maiores e melhores razões para não temer o futuro do mundo. Os desafios que os acontecimentos atuais lançam à nossa fé e perseverança devem firmar nosso desejo para o acolhimento desse rei em nosso coração e em nossa vida, pois ele é Emanuel, Deus-conosco. Digamos-lhe “sim”, a exemplo de Maria.

NATAL DO SENHOR – MISSA DA NOITE
24 de dezembro

O povo que andava
nas trevas viu grande luz

I. INTRODUÇÃO GERAL

As profecias descreveram o Messias prometido com várias linguagens e títu-

los. Essa promessa alimentou a fé de Israel durante vários séculos. Hoje, nesta festa da luz, a esperança que animou o povo da Aliança torna-se realidade. A luz das nações, o Filho de Deus, manifestou-se na humildade; não veio como um guerreiro poderoso, mas na fragilidade de um recém-nascido. Nesta noite a fé cristã celebra sua primeira vinda, enquanto esperamos sua manifestação gloriosa, quando o dia eterno chegar.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Lc 2,1-14)

A promessa feita ao povo de Israel agora se realiza. E é em Belém, cidade de Davi, que se desencadeia a história da salvação. A imagem do Salvador deitado numa manjedoura tem um sentido profundamente teológico. Na manjedoura, como na cruz, o enfoque é o despojamento de Jesus, o fato de estar à mercê da acolhida ou da rejeição por parte das pessoas.

Outro fato importante é o lugar de seu nascimento. É estranho que não houvesse lugar para José e Maria (v. 7), já que, no Oriente, a hospitalidade era sagrada, principalmente para uma mulher que dava sinais da proximidade do parto. Por isso, a frase “não havia lugar para eles” deve ter um valor teológico, a saber: a sombra da cruz se projeta sobre os primeiros dias da vida de Jesus, pois também não tinha onde ser sepultado. Se, por um lado, ele não tem lugar para nascer, por outro, é acolhido pelos pastores, acontecimento que é o cume teológico desta seção (v. 11). A promessa divina tinha sido feita a pastores como Abraão, Jacó, Moisés, Davi etc. Agora, Deus estava cumprindo sua promessa e, por isso, o anúncio aos pastores tem caráter de evangelho, que quer dizer “boa notícia”. O sinal (v. 12) dado pelos anjos aos destinatários da boa-nova não é o fato de o Menino estar envolto em faixas, pois isso acontecia com



todo recém-nascido (cf. Ez 16,4), para que ficasse aquecido e protegido de doenças; o sinal é que o menino está em uma manjedoura – ou seja, há aqui uma alusão à Eucaristia (pão do céu). Esse sentido pode ser reforçado pelo nome da cidade, Belém, em hebraico *Baith-lehem*, casa do pão. Dessa forma, o “sinal” não é para que encontrem o Menino, mas uma garantia da comunicação sobrenatural a respeito dele (cf. Ex 3,12). A narrativa termina com um hino de glória (v. 14). Esse cântico significa que o anúncio da boa notícia encontra eco no céu. A liturgia celeste se une à comunidade cristã para celebrar o mistério. A paz a que se refere o hino é uma das expressões mais usadas para falar da salvação esperada no tempo do Messias (cf. Is 9,5-6). O cântico manifesta que a humanidade é amada por Deus e por isso o Salvador nos foi dado; Jesus é o dom do Pai.

2. I leitura (Is 9,1-6)

Zabulon e Neftali foram as primeiras cidades do Reino de Israel a serem atingidas pela invasão do grande império estrangeiro que deportou parte de sua população. Por isso, as profecias afirmavam que Deus devolveria a essas cidades sua antiga glória. As trevas que pairavam sobre aquela região seriam dissipadas quando um rei futuro inaugurasse uma etapa definitiva de justiça e paz. A esse rei ideal foram atribuídas a sabedoria de Salomão, a honra de Davi e a religiosidade dos patriarcas e de Moisés. Ele seria a condensação das virtudes de seu povo. Um grande acento foi posto na sua sabedoria, critério exigido dos governantes de Israel, garantia de bem-estar para a comunidade. As expectativas messiânicas apontavam para um rei davídico ideal e, por isso, a Igreja primitiva viu no início do ministério de Jesus na Galileia – região onde ficavam aquelas cidades – a realização das antigas profecias.

Testemunhos de vida

Para refletir e partilhar

Luiz Miguel Duarte



Imagens meramente ilustrativas.

O livro conta com 70 relatos de pessoas reais, seres humanos de fé profunda e gestos heroicos. As narrações são breves e estão classificadas por temas, como perdão, paz, amor. Servem para meditação pessoal, mas foram pensadas principalmente para o diálogo em grupo; por isso, cada texto é seguido de algumas perguntas. Assim, podem enriquecer encontros de catequese, grupos de jovens, reuniões de casais, entre outros.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



3. II leitura (Tt 2,11-14)

Esse texto é o coração da carta a Tito e corresponde à tática de fundamentar a práxis cristã nos alicerces sólidos da fé. Em primeiro lugar, está o amor de Deus, que comunicou a graça da salvação a todos os seres humanos. Em seguida, sublinha a esperança da manifestação gloriosa de Cristo. Finalmente, recorda a redenção dos pecados por meio da oferta de Cristo. Por todos esses fatores, estamos capacitados para toda a boa obra que nos configura a Cristo e nos põe a caminho da vida eterna. O autor da carta vê a salvação como fruto de uma manifestação da graça de Deus (v. 11). Essa manifestação é a vitória de Cristo, a ressurreição, e nos ensina a viver de acordo com o dom da vida plena, renunciando a todos os “valores” da morte. Ensina também a esperar a manifestação gloriosa do “grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo” (v. 13). As expressões “grande Deus” e “nosso Salvador” eram próprias dos cultos aos deuses e aos imperadores romanos. Aqui elas são direcionadas a Cristo, mostrando a fé da comunidade cristã como contestação ao império romano. O v. 14 dá um conteúdo prático, mais que pedagógico, à redenção trazida por Cristo. Ele se entregou por nós e, assim, nos salvou da iniquidade, purificando para si um povo escolhido e zeloso nas boas obras.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O nascimento de Jesus nos ensina, primeiramente, a grande benevolência de Deus, que envia seu Filho ao mundo como dom. É importante resgatar esse aspecto nos tempos atuais, pois as pessoas quase já não experimentam o valor da gratuidade. Vive-se numa corrida desenfreada pelo bem-estar pessoal, em que as relações são baseadas na troca, e não na gratuidade da entrega de si. Outro ensinamento im-

portante que nos trazem as leituras desta liturgia é o desapego, a renúncia. Nosso Salvador nasceu numa manjedoura e morreu numa cruz. Isso expressa o modo integral como viveu sua vida. Não procurou honrarias nem benefícios próprios. Não se apegou à sua condição de Filho de Deus, mas viveu a total entrega de si, de sua vida, sem esperar das pessoas reconhecimento algum. Viveu à mercê da acolhida ou da rejeição delas. Viveu livremente sua entrega de vida, sua doação ao outro. A encarnação de Jesus Cristo vem nos ensinar que a vida humana é puro dom de Deus e, como tal, deve ser recebida e vivida como entrega de si. Somente dessa forma podemos curar o mundo do egoísmo, grande mal que desfigura o ser humano.

NATAL DO SENHOR – MISSA DO DIA
25 de dezembro

O Verbo se fez carne e habitou entre nós

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste dia realça não apenas o nascimento de Jesus, mas também sua origem divina. Aquele que estava presente na criação do mundo veio até nós para nos tornar filhos de Deus. Essa vinda já tinha sido anunciada pelos servos de Deus durante a Primeira Aliança. Agora, por meio do Verbo eterno feito existência humana, Deus nos fala definitivamente e efetiva sua presença soberana na humanidade. Jesus não é apenas mais um mensageiro de boas notícias; ele mesmo é o Evangelho de Deus, ele é a salvação prometida.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Jo 1,1-18)

João está descrevendo um novo começo. Se o livro do Gênesis registra a primeira criação, o primeiro versículo



do Evangelho de João descreve a nova criação. Em ambas as ocasiões, o agente da obra criadora é o próprio Verbo (ou Palavra) de Deus. “Palavra” e “luz” são duas formas de falar da mesma realidade, a saber: Deus entrou na história humana para reconduzi-la à plenitude.

A Palavra (ou o Verbo) se fez carne (v. 14). Na mentalidade hebraica, a palavra é o meio pelo qual alguém se revela ou expressa seus pensamentos e vontade. No Antigo Testamento, o termo “carne” certamente não tem conotação pejorativa, não é a antítese de Deus; representa, antes, tudo o que é transitório, mortal e imperfeito e, à primeira vista, incompatível com Deus (cf. Is 40,6-8). Dessa forma, a Palavra de Deus se opõe à carne. Conforme o evangelista João, a melhor forma pela qual Deus se expressou foi na existência humana de Jesus. Nele, o que Deus é e o que ele espera da humanidade foram revelados. Jesus é o Verbo, o ser de Deus narrado em uma vida humana. Em vez de conceber uma força impessoal ou um princípio abstrato e distante da situação humana, João utiliza o termo “Verbo” no sentido muito pessoal de um Deus que ama, se compadece e se identifica com os seres humanos, tomando sobre si sua natureza e sofrendo uma morte vergonhosa com o fim de prover um meio para a reconciliação do ser humano com seu Criador.

A luz veio ao mundo (v. 9). O Antigo Testamento se refere a Deus como a fonte da luz e da vida em várias passagens. O salmista indica que Deus é a fonte da vida e da luz (Sl 36,9). João, seguindo o conceito do salmista, afirma que o Verbo é a vida e a luz dos seres humanos. O termo “mundo” nesse texto significa o mundo humano e seus assuntos, o qual, concretamente, está submetido ao pecado e às trevas. A função da luz é basicamente combater ou vencer

a obscuridade. “Trevas” é termo metafórico que, no Quarto Evangelho, se refere a tudo o que se opõe à mensagem de Jesus; é a obscuridade moral e espiritual. Por isso, o tema da primeira parte do Quarto Evangelho é a fé e seu contrário, a incredulidade (como resultado da influência das trevas). A totalidade da missão de Jesus foi uma espécie de conflito entre a luz e as trevas, culminando no Getsêmani e na cruz. Por isso, o verbo “vencer” cabe bem nesse contexto. A luz brilha nas trevas e as trevas não tinham poder para detê-la (v. 5), muito menos para vencê-la.

2. I leitura (Is 52,7-10)

O profeta elogia a atividade de alguém que traz uma mensagem de salvação; o mensageiro vem correndo e gritando, enquanto atravessa os picos das montanhas: “Teu Deus reina!” As sentinelas que estão de guarda nas muralhas de Jerusalém começam a vislumbrar o mensageiro.

Ele se antecipa à caravana dos exilados que voltam à terra natal. Metaforicamente, Deus é descrito como um rei vencedor que, com seu exército, volta da guerra para a terra da promessa. O grito do mensageiro alerta para o fato de que Deus saiu vitorioso. As sentinelas, em uníssono, repetem o grito do mensageiro e exortam as ruínas da cidade a se unirem ao coro com gritos de júbilo, porque o Senhor resgatou seu povo, que estava sob o poder do dominador estrangeiro. Aos poucos, a notícia da restauração de Sião (Jerusalém) vai se espalhando pelo reino inteiro e por todas as nações.

3. II leitura (Hb 1,1-6)

Fundamental para a carta aos Hebreus é o fato de que Deus se revelou constantemente ao longo da história, dando-se a conhecer para que o ser humano o amasse. Agora, porém, por meio de seu Filho, Deus



fez sua revelação final, definitiva e superior a tudo o que foi revelado anteriormente. Os primeiros versículos mencionam alguns contrastes entre o que foi revelado no passado e o que está sendo mostrado agora por meio do Filho. Primeiramente, aquelas revelações eram parciais, “em muitos fragmentos”, literalmente falando. A revelação efetivada pelo Filho é completa. Também há uma oposição entre o outrora e o hoje; ou seja, aquilo que é revelado pelo Filho será sempre atual, nunca estará ultrapassado, jamais dará lugar a nenhuma outra revelação, porque não há um mensageiro superior ao Filho, o qual é a “expressão do ser” do Pai. Com essa afirmação, Hebreus enfatiza a correspondência exata entre a natureza do Filho e do Pai, porque o termo grego ali empregado significa algo semelhante a um carimbo que deixa impresso no papel a figura que traz em alto-relevo. As revelações nos tempos antigos vieram de muitas maneiras, a atual veio de um único modo, por meio de Jesus Cristo. Aquelas foram muitas, a última é única. Com o vocábulo “profetas”, o autor de Hebreus se refere a todas as pessoas da Antiga Aliança que transmitiram às gerações seguintes a fé de Israel.

Nenhuma dessas pessoas realizou a obra de Jesus Cristo, a saber: possibilitar nosso acesso à presença de Deus. Ao oferecer sua própria vida a Deus, Jesus realizou a purificação dos pecados de toda a humanidade, tornando possível nossa aproximação ao trono da graça. A inclusão da obra de redenção na descrição de Cristo como agente de Deus na criação e na revelação definitiva indica a unidade básica entre esses dois eventos. Aquele que estava presente na criação é o mesmo a nos purificar dos pecados no momento da ascensão, quando penetra o Santo dos Santos no céu.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O Natal e a Páscoa são as duas grandes solenidades do calendário litúrgico. Uma remete à outra. Não se pode falar do Natal sem mencionar a Páscoa, pois, na cruz, a encarnação de Jesus aparece de forma mais concreta. A “prova” de que Jesus se encarnou é sua morte. E uma morte infligida por aquilo que ele viveu. Isso nos remete a nova reflexão sobre seu nascimento. Jesus veio ao mundo para plenificar a criação de Deus. Para resgatar o ser humano do poder das trevas e reconduzi-lo à luz, mediante uma vida nova, ressuscitada. A Páscoa é a celebração dessa vitória da luz sobre as trevas. Por isso, já no Natal celebramos a ressurreição.

SAGRADA FAMÍLIA: JESUS, MARIA E JOSÉ
27 de dezembro

Feliz quem ama o Senhor
e anda em seus caminhos!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia desta festa põe em relevo o fato de que o Filho se inseriu na humanidade, numa família e, portanto, não é um mito. Ele fez o mesmo caminho de cada ser humano: pertenceu a um lar, a uma pátria e a uma cultura. Os percalços vividos pela família de Jesus não são muito diferentes dos que são experimentados por muitas pessoas ainda em nossos dias. A família é a base dos valores; as atitudes de José e de Maria se tornam modelo de vida para os pais e mães hoje, animando-os a percorrer sua trajetória em atenção à vontade divina. Os demais textos são um desdobramento do quarto mandamento da Lei de Deus.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Lc 2,22-40)

A sagrada família chega ao templo de Jerusalém para os ritos de purificação da



mãe e a apresentação do recém-nascido. Jesus é apresentado no templo porque ele é primogênito, e os ritos próprios da apresentação celebravam a libertação dos primogênitos dos hebreus no Egito e a passagem da escravidão para a liberdade (Ex 13,11ss). Coisas extraordinárias são ditas a respeito do menino pelo velho Simeão. Também uma viúva chamada Ana fala sobre o menino a toda a gente. José e Maria se admiram com essas palavras e gestos. Temos aqui a sagrada família diante de Deus, no templo de Jerusalém, para concluir o tempo da promessa feita a Israel e iniciar o tempo da salvação e da divulgação da pessoa e da mensagem de Jesus. Esse relato nos faz pensar sobre o papel atual da família. Nem sequer estamos seguros para definir o que vem a ser a família hoje. A família passa por uma crise de identidade, e mesmo assim ela ainda é uma das poucas instituições pelas quais alguém ainda se disporia a morrer. Já não pela pátria, pela Igreja ou por qualquer instituição as pessoas arriscariam a própria vida, mas sim por seus familiares. A crise na família é, em parte, derivada das modernas concessões que transferem para outrem as responsabilidades que são dos pais e dos filhos.

Muitas crianças são órfãs de pais vivos, passam o dia nas praças e nos sinais de trânsito, quando seus pais deveriam cuidar para que estivessem na escola, com acesso à educação e ao aprendizado sobre cidadania. Outras são entregues aos avós, que, apesar da velhice e das enfermidades, têm de assumir a responsabilidade pelos netos. Da mesma forma, filhos abandonam os pais idosos em asilos e abrigos filantrópicos, pois não aprenderam o significado do mandamento de honrar pai e mãe. A família estável, fundamentada no amor do casal, o qual acolhe os filhos como dons de Deus, é a única viável e possível.

Envelhecimento ou longevidade?

*Elizabeth Frohlich Mercadante e
Vera Maria Antonieta Tordino Brandão*



A obra procura mapear caminhos para a compreensão do tema, analisando conceitos, ouvindo teóricos, profissionais e idosos, levantando questões, buscando articular essas muitas vozes que falam sobre o processo vital e instigando uma reflexão crítica ante uma das questões fundamentais do ser humano: envelhecer e “longeviver”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



Somente o amor fiel e verdadeiro entre o casal pode acolher e educar os filhos como verdadeiros seres humanos, na transmissão dos valores que nos foram legados por Cristo. Além disso, a verdadeira família não é fechada em si mesma, mas age em interação com outras famílias, formando comunidades que difundem a responsabilidade e o cuidado de uns para com os outros. Por meio da interação comunitária também se corrigem posturas retrógradas e egoístas, fazendo que o bem progrida na sociedade humana. Seria bom dizer sobre a família o mesmo que é dito sobre Jesus no texto do Evangelho desta liturgia: “crescia e tornava-se forte, cheio de sabedoria e da graça de Deus”.

2. I leitura (Eclo 3,3-7.14-17a)

A fidelidade para com o Deus da Aliança exige o amor ao próximo. Isso implica numerosas exigências éticas. Entre elas, o livro do Eclesiástico faz referência ao amor que deve ser dispensado ao pai e à mãe. O texto proclamado nesta leitura é um comentário ao mandamento de Ex 20,12. Não há desculpa alguma para o não cumprimento dessa norma. Na época em que o livro do Eclesiástico foi escrito, as motivações para seguir determinada norma se baseavam num elenco de recompensas e de castigos decorrentes do cumprimento ou não do mandamento. Por isso, o texto adverte que Deus não atenderá às orações de quem não cuidar dos próprios pais. Da mesma forma, enumera as vantagens para aqueles que dão especial atenção ao pai e à mãe. A recompensa para quem honrasse pai e mãe seria uma vida longa e próspera, porque naquela época as pessoas ainda não tinham clareza sobre a ressurreição dos mortos; portanto, a longevidade e a prosperidade eram o que de melhor poderia acontecer a uma pessoa. Para o cristão, esse elenco de bênçãos e castigos

não é necessário. Cristo nos deu o exemplo quando decidiu nascer numa família, e nós nos sentimos motivados pela ação do Espírito Santo a conformar nossa vida à vida de Cristo.

3. II leitura (Cl 3,12-21)

O texto da segunda leitura faz uma descrição da vida na comunidade cristã dos primórdios. O emprego dos termos “eleito, santo, amado”, que antigamente se referiam a Israel, sublinha o fato de que os cristãos estavam conscientes de formar nova comunidade como povo de Deus, e isso devia se refletir em suas mútuas relações. Segue-se uma lista de virtudes que destacam a transformação interna necessária para adquirir um novo comportamento, uma vida nova conformada à de Cristo: humildade, mansidão, paciência etc. A expressão “uns aos outros”, repetida duas vezes (v. 13.16), sublinha que as responsabilidades são mútuas. A obediência ao Senhor será demonstrada por meio do modo como as responsabilidades comunitárias e familiares são assumidas por todos como testemunho para o mundo. O elenco das regras familiares acentua muito mais as responsabilidades do que os direitos de cada um. Isso é um testemunho para nossa época, na qual as pessoas geralmente põem a exigência dos direitos em primeiro lugar, seja no ambiente eclesial ou familiar.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O presidente da celebração deverá destacar alguns problemas da família na atualidade sem, contudo, cair no sermão moralista e ofensivo. Não se trata de mencionar assuntos polêmicos, mas de orientar as famílias nas luzes do Espírito Santo. Destacar que Jesus está empenhado em resgatar o valor da família, pois ele mesmo quis pertencer a uma.

BÍBLIA PASTORAL

EDIÇÃO COLORIDA

A PAULUS Editora inova mais uma vez na publicação da Sagrada Escritura.

A **Bíblia Pastoral**, conhecida pela tradução dos idiomas em que a Bíblia foi escrita e pela linguagem acessível, sem descuidar da fidelidade ao texto, ganha mais uma edição, colorida e com vários diferenciais:



Ilustrações coloridas de Cláudio Pasto na abertura de todos os livros;



Caderno com orientações para a Leitura Orante (*Lectio Divina*);



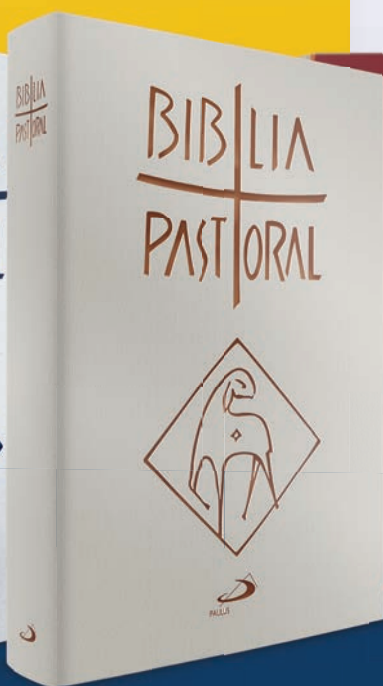
Marcadores, títulos e subtítulos com cores diferenciadas para cada grupo de livros bíblicos: pentateuco, livros históricos, proféticos, sapienciais, Evangelhos etc.;



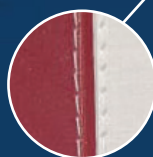
Distinção de cor entre o texto principal e as notas de rodapé, deixando-as mais legíveis.



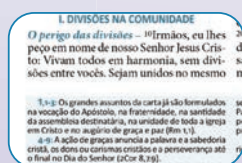
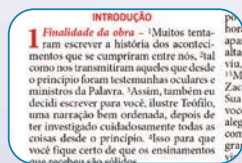
Capa Cristal



Edição Luxo



Verso
Edição
Luxe





AGENDAS E CALENDÁRIOS PAULUS 2021



CALENDÁRIOS

- 1 Mesa – Jovens
- 2 Mesa – Tradicional
- 3 Mesa – O Pequeno Príncipe
- 4 Variedades
- 5 Bíblico
- 6 Parede – Paisagem
- 7 Parede – Santos

Ano Litúrgico

- 8 Clássico

AGENDAS

- 9 De planejamento
- 10 Dia a dia com a catequese
- 11 Meu Planner

Dia a dia com o Evangelho

- 12 Devocional Jesus – Brochura/Espiral
- 13 Devocional Maria – Brochura/Espiral
- 14 Devocional São Marcos – Brochura/Espiral
- 15 Clássica 1 – Brochura
- 16 Clássica 2 – Brochura
- 17 Floral 1 – Brochura
- 18 Floral 2 – Brochura

19 Menina

- 20 Capa Luxo – Feminina
- 21 Capa Luxo – Masculina
- 22 Dia a dia com Maria

DIA A DIA COM O EVANGELHO

- 23 Livro – Brochura
- 24 Livro – Bolso